

NÊSTE NÚMERO



Simão da Veiga, que triunfou no toureio em Espanha, será o ídolo português na próxima época do Campo Pequeno?

(Ver página de Toiros)



No Barnard College de Nova-York, a mocidade educa-se na cultura dos velhos jogos gregos.

(Ver páginas centrais)



Cugan, um artista latino que triunfou na América do Norte, trabalha na Rádio americana.

(Ler pág. 8)



Teresa Gomes vai entrar em cena!

(Foto Seródio — Ver pág. 4)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 192

18 DE JANEIRO DE 1945

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NO CENTENÁRIO DE VERLAINE

ISTO que acabam de festejar no Teatro Nacional o centenário de Verlaine (e é muito natural que os portugueses, tão amigos da poesia, se tenham associado a esta homenagem) falemos, por um instante, daquele que disse:

L'art, mes enfants c'est d'être absolument soi-même.

Mais ainda nesta altura, ainda tão cheia de reminiscências do Natal, porque nenhum poeta cantou melhor o amor divino, nem com tanto fervor ingénuo, evoquemos esta personagem, de quem um contemporâneo escreveu que era impertinente e de aspecto misterioso (epítetos tão verlainianos!). Esse homem enorme, de ombros largos, a gola do sobretudo, de um cinza-esverdeado, puzada para cima, como ele sabia usar o seu «cache-nez» primitivamente branco e preto (!) e que só muitas raras vezes olhava de frente...

Era preciso saber esperar muito tempo, para conseguir conhecer o côr de cinza-miosotis dos seus olhos ferozmente infantis (epíteto outra vez e de que modo verlainiano!) para compreender a delicadeza inesperada desse rosto desengaçado, de sobrancelhas oblíquas, cheio de rugas, de pequeno nariz e as maçãs do rosto largas e achatadas.

Verlaine disse de si a um dos seus íntimos: «Um dia, hei-de desaparecer maravilhosamente». E, aqui está como ele encontrou um advérbio a juntar aos anteriores adjetivos, anotados por outros.

Tal é, portanto, o homem, poeta-nato, de quem o nosso Anatole France recusava colaboração no «Parnasse Contemporain», escrevendo na margem dos poemas: «Não. Estes versos são os piores que li em toda a minha vida». Tal é o homem que Carco considerava astucioso e ao mesmo tempo ingénuo, e que, dizia ele ainda, sob uma aparente dignidade, esperava apenas ocasião de ceder aos seus vícios e de saboreá-los; em todas as circunstâncias bom e mau, puro e impuro, sincero «escandalosamente» (e ajuntamos este adjectivo de Carco aos anteriores).

«Nada de juramentos e sempre fiéis» — escreveu Verlaine, professor do Collège de Notre Dame de Rehel. Deve ter podido meditar com proveito os conselhos preciosos da mãe de seu amigo Rimbaud, que lhe escrevia, a boa senhora: «Sêde forte e corajoso. Dai uma finalidade à vossa vida. Qualquer que seja a maldade dos homens, não desesperéis de Deus»...

Forte e corajoso, pobre Lelian! (como ensinava Verlaine muitas vezes). Podiam pedir-lhe que o fôsse em arte. Mas na vida!... Recordar-se o seu bilhete de despedida, ao abandonar sua mulher: «Não tenhas pena, não chores, isto é um sonho mau, que eu voltarei um dia...».

Poder-se-á ser mais singelamente cruel, digamos, mais gentilmente duro?

Todo feito de contrastes, sempre em contrastes, aquele de quem o conde de Lisie observava que «tinha uma cabeça de crânio «gras» — até a própria natureza o havia «construído» de contrastes.

Para acabar, citemos esta frase inédita do poeta, a um dos músicos aplaudido, há tempos, no Teatro Nacional, e que insistia em oferecer-lhe uma melodia inspirada nos seus versos.

Verlaine acabou por lhe marcar um encontro, num mau café da margem esquerda. E, em um não menos mau piano, Gabriel Fauré — é dele que se trata — tocava e cantava «Clair de Lune», uma melodia hoje célebre.

— Hon... hon!... — acompanhava Verlaine.

— Diga-me, mestre, está como queria?

— Não está mal! — respondeu, enfim, Verlaine. — Mas, para que diabo foi preciso meter a sua música na minha?

Pobre Lelian! Seria nessa mesma noite que desesperadamente havia de correr a bater à porta da cura de uma igreja próxima, para se confessar antes de nascer o sol, tomado de repente pelo remorso? E talvez tenha sido nesta noite que escrevia, para confessar a sua culpa:

«Dans la brute endormie un ange se réveille».

CHARLES OULMONT.

Manuel Piló



MANUEL PILÓ, um artista que rapidamente alcançou nome internacional, acaba de nos deixar. Atrás de si, vão algumas coleções dos seus magníficos bonecos, talhados na madeira com uma simplicidade expressiva e exuberante. Vai ao Brasil — ou, talvez, para o Brasil — o Manuel Piló, onde apresentará os seus bonecos, pedaços de vida, caricatura do sentimento humano. Se a fortuna lhe sorrir — e ele leva quinhentos caixotes com ferramenta e grênedos de laboratório — Piló ficará, estudará o pitoresco das coisas brasileiras, irá à Argentina e aos Estados Unidos. Mas, então, só muito mais tarde voltaremos a ver os bonecos de Piló — porque as cópias já virão ter e a Espanha, onde foram vendidos direitos de reprodução.

Felizmente, para quem vale, ainda serve de alguma coisa ser artista, neste país de indiferentes!

Por nós, só desejamos uma coisa — felicidade ao Piló e aos bonecos.

UM INQUÉRITO O RELÂMPAGO

Glórias e sombras da cultura popular

UM conhecido escritor ficou deveras impressionado quando, certa tarde de Verão, à espera do rápido que deveria trazer um grande cientista que vinha realizar, no nosso país, a convite oficial, uma série de conferências, viu uma grande multidão na «gare», conversadora e alegre. Pensou que toda aquela gente — embora não conhecesse ninguém, mas onde havia oficiais, gente apresentável, senhoras de peles — aguardaria o professor para o abraçar efusivamente. Afinal, o comboio chegou. E o que se viu? Toda a multidão gritou: «Sporting! Sporting!», enquanto se abriam galhardetes, se atravavam com flores — e, no cúmulo, se beijavam de entusiasmo. A um canto — o escritor, o cientista e três representantes das entidades oficiais, muito recolhidos, esperavam que o moço das bagagens fizesse dispersar, com os fortes ombros, aqueles maletas que tolham o trânsito.

Prova-se assim que a popularidade e o entusiasmo das massas vai para aquilo que as emocionam, em espectáculos repletos de ídolos.

Todavia, a celebridade é bem falaz. Hoje fala-se num nome — amanhã ninguém se lembra dele.

Este inquérito, feito com gente de várias profissões, prova, também, que o povo já elegeu os seus ídolos, fora das competições desportivas ou políticas — para lhes prestar o seu culto de admiração.

CONHECE «O CRIME DO PADRE AMARO»?

A primeira pessoa que encontramos na rua é um vendedor ambulante de gravatas. Paramos ao pé do homem. Mexemos na mercadoria, na mira de comprar qualquer coisa. E, depois, como se viesse a talhe de foice, mistura as gravatas com a literatura:

— Sabe alguma coisa de «O Crime do Padre Amaro»?

— Ainda não li hoje o jornal!

E, com curiosidade:

— O autor já foi preso? A polícia é esperta... Então, não leva a gravatinha?

CONHECE ALEXANDRE HERCULANO?

A porta duma pastelaria, o caixeiro, barbeado, e o casaco branco impecável, discute o último desafio da bola, com o vizinho do lado, um barbeiro furioso que arremessa pontapés ao vento para explicar certos lances.

— Conhece Alexandre Herculano?

— Não é cá, freguês! Já perguntou na Benard?

E como lhe voltassemos costas, ainda atirou solicito:

— Espere, Herculano... não será o dono da engraxadaria ali deffrente?

ADMIRA OS CLÁSSICOS? — MANUEL BERNARDES...

Tinhamos, por força, de encontrar uma pessoa

A CIDADE DOS NAMOROS

NADA há, nas nossas leis, que limite os arroubos: os fogachos do coração. A sociedade, hodiernamente progressiva, deveria regular, por termómetros, as febres altas do amor, e por barómetros as pressões escaldantes das paixonetes. Não há nada, porém, nesse sentido — e cada um toma a atitude patética que lhe convém nesta paisagem de Amor. Os nossos avoengos aproximavam dois corações por caprichosa e hereditária mania, com extraordinária facilidade, entre o «crochet» e o chá tomado, aos gozinhos — e dispunham de diversos destinos, diante do altar, como bagatela de comércio. Aos três anos indicava-se o noivo, e aos quinze o caçório — tudo muito fácil e simples. Aos três anos indicava-se o noivo, e aos quinze o caçório — tudo muito fácil e simples. A vida movimentou-se: hoje já não há paixões: há interesses recíprocos que se trocam, pacatamente, para mais tarde se fechar o negócio com a escritura do casamento. O amor deixou, assim, de ser uma imagem da poesia ama-se por raciocínio e não pelo coração. Ora o coração tem razões que a razão não conhece», diz Michelet. Perfeitamente — mas o coração engana, seduz e mata. E hoje onde haverá uma paixão que mata ou enlouquece?

O homem já não acredita — está céptico, endurecido. Depois acresce que a mulher, única culpada de ter deixado de ser algós e carrasco de tantas gerações — também não se preocupa em fazer sofrer o homem. O tipo da mulher fatal foi suprimido. E o homem descansou. É verdade que ainda há por aí as suas paixonetes — os febrões e as anemias. Como os médicos, os psicólogos aconselham sempre para estes casos ludações de ar, outros horizontes e, sobretudo, distrações. E que, realmente, o amor é assim: quanto mais se pensa nele, mais se ama e, afinal, é como as doenças incuráveis.

Ora no campo social — e não neste terreno de sentimentos — há uma coisa que a sociedade deveria proteger: os namoros. Não faz sentido que se deixem andar por aí, à rédea solta, verdadeiros fedelhos de braço dado com o ar petulante de quem é alguém. Se o homem tem uma idade para ir à tropa — deve tê-la para se chegar a uma rapariga.

E porquê, isto? Porque todos os arroubos de ternura, de obediência, de submissão que devem aos pais começam cedo a dispersá-los por afectos alheios. Parecendo, à simples vista, que nada disto traz cuidados de maior — a verdade é que é uma das causas do descalabro moral que vamos atravessando. Onze, doze e treze anos — idades certamente propícias ainda aos brinquetes noutros eras em que a dureza da vida não precisava de tantos esforços para se ganhar o pão de cada dia — e é vê-las, rapazes e raparigas, já soletando pela cartilha do amor. O que poderá haver neles? Apenas o instinto e a curiosidade. A escola, o trabalho, a família, tudo se esquece nessas doces horas em que qualquer coisa vibra de novo, de diferente...

Julgarão ser isto moralidade «saciana»?

Não é. Vejamos um caso:

A Bêlinha, doze anos garrulos, ofegante, na corrida da escada caiu nos braços da titi para lhe perguntar, curiosa:

— Achas que devo aceitar?

— O quê?

— O que há-de ser, titi?! Anda louco por mim! Nem podes calcular. Quer chova, quer faça frio, cotadinho, ele passa e repassa debaixo da janela...

— Mas qual é? O «Joli»... ah! o «Joli» é muito fiel e muito teu amigo...

— Não é o «Joli», titi! É o Carlos, o Carlos, o trinta e dois da turma B...

MANUEL MARTINHO

DA CAPITAL CURIOSA!

Foto JOÃO MARTINS



FALA-SE ESTA SEMANA

ADOLFO SIMÕES MÜLLER



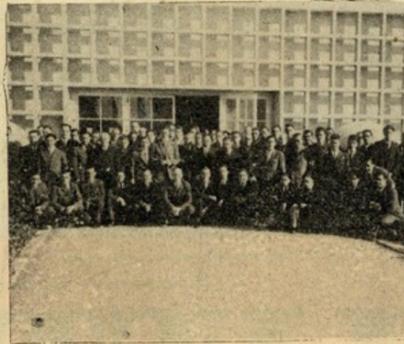
«A última história de Xerasades» — assim chamou Adolfo Simões Müller a este novo livro excelentemente ilustrado por Fernando

Bento. É um poder de delicadeza, muito bem escrito e realizado, o belo livro que Simões Müller ofereceu aos pequeninos portugueses, pondo-os em contacto com uma literatura que mais tarde hão-de encontrar no seu caminho. Raras vezes, de facto, os pequeninos terão tido ocasião de se deliciar com tão belos momentos literários em que a fantasia dá as mãos a um processo simples e elegante de dizer.

NOTAS RÁPIDAS DA SEMANA



Na Ordem dos Advogados, e com a mais larga assistência do foro e da alta magistratura, tomaram posse o dr. Sá Nogueira, novo bastonário, e os novos conselheiros da Ordem dos Advogados. Na foto, vemos o ilustre advogado no momento em que proferia o seu notável discurso.



Recentemente, o pessoal da Emissora Nacional reuniu-se no Espelho de Água, num almoço de confraternização que decorreu no melhor espírito de camaradagem e com o fim de estreitar os laços de compreensão e amizade que une essa família de algumas dezenas de elementos.



Para assinalar a chegada de um novo ano, os operários da Socony-Vacuum Oil Company ofereceram aos seus filhos uma linda festa, de que damos um aspecto, e que se realizou nas oficinas gerais, à Junqueira.

QUINTA-FEIRA, 4, das 14,50 às 15,45, que foi fazer?...

AO LARGO DA GRAÇA



À RUA ANGELINA VIDAL?



À RUA DOS SAPADORES



O leitor já sabe: todas as quintas-feiras, ao folhear a nossa Revista, pode ser alegremente surpreendido de nela se ver fotografado. Hoje, ao ver-se assinalado na foto, terá a certeza de que, apresentando este exemplar na nossa redacção, na próxima segunda-feira, das dez às doze e trinta e das catorze às dezóito horas, receberá uma credencial que, entregue na bilheteira de um dos melhores cinemas, lhe dará direito a assistir, com uma pessoa de sua família ou amizade, a um dos melhores filmes da semana. Aguardemos a visita dos brindados neste número...



— Anda lá, Mariana, arranja bem! — diz Teresa Gomes à sua costurcira.

PARA aqueles que julgam que só na juventude o público encontra, dentro de um espectáculo de revista, o verdadeiro interesse, o sorriso e o agrado que éle compra na bilheteira — aqui lhes apresentamos este nome e esta artista: Teresa Gomes, vedeta com por cento, figura do maior relevo nos nossos palcos musicados, alguém que pode servir de modelo às raparigas de hoje — às que já por cá andam no teatro e às que aspiram entrar nêle — e que só por si vale, muitas vezes, incontestavelmente, um espectáculo inteiro e a fortuna de uma empresa.

Teresa Gomes — que tem hoje os anos que o público lhe dá da plateia — começou pelo principio, disciplinadamente, porque não se nasce general: a carreira começa pela bradeira de cadete... Foi corista, conheceu a vida dura dos primeiros passos, trabalhou, lutou — venceu, porque pode orgulhar-se de ter atingido honestamente, e só pelo seu valor, o lugar que muita menina bonita dos magnates, porventura sonha poder alcançar.

Teresa Gomes está no camarim a preparar-se para entrar em cena. A Mariana, a sua costureira, ajuda-a a vestir-se. E a artista é tão simples, tão afável, tão modesta e comunicativa como no palco. Dir-se-ia que não joga com o artificial e tudo nela é aquela graça espontânea que torna engraçados... até os números sem

graça. Perguntamos-lhe porque processos consegue ter o «público na mão». E ela, sorrindo, confessa:

— Não tenho «trucs». As vezes, nem eu própria compreendo porque motivo o público me querê tão bem. Mal venho a entrar e já éle está a rir-se...

— Alguma vez teve medo?
— Tenho sempre respeito. Respeito pelo público em geral. Medo, medo, só nas «premiéres». Meu coração? Jesus, parece que rebenta, tuca, tuca... As pueguas andam por aí às vezes, numa roda viva: «Quero café, dêem-me flor de taranja». Ah! mas o que eu sofro só de ouvir-las... A crítica e o público são duas entidades de respeito! E, por isso, não quero abusar do público. Só me faço engraçada até ao ponto em que éle mo consente. Cá do palco, olho-lhe para a cara... Para as senhoras, para os homens... E logo se percebe se torceram o riso ou se riem francamente...

— Mas «põe» coisas da sua lavra?
— Todos sabem que há uma lei que o proíbe. Mas, quem pode, no ritmo de um espectáculo de revista, não quebrar a rigidez do que está escrito e decorado? De vez em quando, até para tapar uma atrapalhada... Mas não o faço por sistema...
— Quando lhe dão um papel «sete-o» logo?

— Sim, mas às vezes engano-me... para melhor, graças a Deus para mais! Os papéis parecem-me mais

MAIOR E "VACINADA"...

Teresa Gomes

foi corista e é hoje vedeta do teatro musicado

mas, depois, resultam. E até já tem acontecido que com êsses é que o público ri mais... Que o número pode ser muito mau e eu ter muito medo d'êle. Se às primeiras palavras o público ri — pronto, digo com os meus botões: estou salva!

O camarim de Teresa Gomes é dos mais alegres e engraçados dos velhos teatros de Lisboa, nos seus rosados cortinados. Dir-se-ia que se entra numa salinha de estar — tão contrastante com o casarão velho e mal cheiroso cá de fora.

Será por isso que da companhia todos procuram entrar no pequenino apartamento? Principalmente a gente nova. Ela adora Teresa Gomes — mas, da gente nova, é preciso distinguir a mais modesta, a que principia pelo principio e procura o seu conselho para trilhar seguramente o bom caminho. Porque Teresa Gomes é a «mãezinha» — as coristas chamam-lhe «mãezinha» — de todas as raparigas de juízo, a sua camarada n.º 1.

— Principiei como corista, sem curso do Conservatório, no tempo em que nos bastidores havia disciplina e respeito pelas primeiras figuras. Hoje chamam-me «bota de elástico» e outras coisas feias d'êste género, aquêles que não acreditam como eu acredito, què um bom lugar só se conquista e se mantém à custa de trabalho e disciplina. Mas hoje?! Ah! São uns fedelhos e já fumam! Já fumam!

— Em que teatro se estreou?
— No Trindade, na «Musa dos Estudantes». O que eu fiquei devendo a essa figura pitoresca e extraordinária que era o maestro Filgueiras!... Imagine: só 8 coristas conseguiram empolgar o público no côro das «Ser-ranãs»!

Teresa Gomes, que foi para o teatro por amor ao palco e... ao que havia de ser seu marido, o excelente actor Alvaro de Almeida, pois foi por êle que se fez actriz — fez no dia 8 de Dezembro 31 anos de casada... — revive uma época de belo teatro, de tão grandes tradições:

— Então, os coristas ficavam de um lado, no ensaio, as coristas ficavam do outro e, ao fundo, os senhores artistas. Quando êles chegavam ou se retiravam, nós levantávamos-nos e dávamos as boas tardes ou as boas noites. Hoje... é logo tu cá tu lá, e às vezes com que palavrinhas!... É certo que as coristas já não querem senão chamar-se «girls». Mas eu mesmo assim gosto muito dessas raparigas alegres, que tão pouco ainda ganham — diga-me lá para que serve um ordenado de 750 mil réis! — e nunca perco a oportunidade de lhes ser prestável.

Nós sabemos que assim é. Sabemos que as raparigas adoram a sua «madrinha». Sabemos quanto ela e Alvaro de Almeida trabalham todos os anos para que as «girls» tenham a sua festa artística.

— Olhe que elas, no «Jôgo do Diabo», por exemplo, só ao domingo sublim mil e cinco degraus, coitadinhas! E sempre à pressa, à pressa...
— Mas, diga lá, como se fez depois actriz?

— Olhe, foi numa festa das coristas, no Trindade. Os artistas apareceram a fazer de coristas e nós de artistas. Gostaram tanto de me ver, que logo o sr. Eduardo Schwalbach me chamou para fazer um papel no «Pé de Meia», no S. Luís. Por sinal que me lembro de que meu marido disse logo: «Bom, sr. Schwalbach, ela vai, mas se não der, gira para casa!». Afinal, parece que agradei...

— Quanto ganhava, então, uma corista?

— Coitadas, doze mil réis por mês, antes de irem ao Brasil. Depois da primeira viagem, que lhes dava já certa categoria, passavam a ganhar quinze... É certo que valiam mais do que os 750 escudos de hoje...

Na parede há uma série de fotos — criações artísticas de Teresa Gomes, e nós apontamos-lhe a galeria:

— Os melhores êxitos?

— Sim, mas do que eu mais gostei

(Continua na pág. 14)

BARBARA SHAW

uma jovem actriz inglesa que conseguiu ter o nome no cartaz durante a ocupação de Paris...

A 25 de Agosto último, às 9 horas da manhã, o condutor de um dos carros da Divisão Leclerc que desembocava na porta de Orleans, viu surgir-lhe pela frente uma jovem loira que corria a apertar-lhe as mãos. Era uma escocesa: chamava-se Barbara Shaw — não é parente do velho Bernard, sosseguem! — era de nacionalidade britânica... e artista parisiense. Barbara conseguira ser mais esperta que a Gestapo: durante quatro anos o seu nome figurava nos cartazes parisienses, usando o nome de Brigitte Sauvigny e fazendo-se passar por natural de Burnay. E como era já conhecida no teatro com o nome inglês, a escocesa, que conseguira um falso cartão de identidade — até pôde convencer os ocupantes de que Barbara Shaw era apenas um pseudónimo!

Hoje, Brigitte passou de nome a pseudónimo — e, assim, Barbara Shaw voltou a brilhar no cartaz do Theatre Michel.

Duas vezes, durante a ocupação, Barbara Shaw foi detida. Em Perpignan, os alemães ordenaram que se desembaraçasse de um certo número de roupas e revistaram-lhe os sapatos, o saco de mão, as luvas, tudo o que pudesse traí-la. Mas Bárbara tinha escolhido as falsas iniciais de «B. S.» — e o caso ficou por aqui.

Numa entrevista que concedeu a «Paris-Press», Bárbara acrescenta:

— Uma vez, em Nice, representava o papel de «Mrs. Scott», no «Abade Constantino». Um crítico teatral, inconscientemente, notou que eu tinha um «accento que parecia de origem». Foi detida pela Gestapo mas, felizmente, pude ainda salvar-me, porque todas as noites estudava o sotaque da região, ao mesmo tempo líonês e do Alto-Marne.

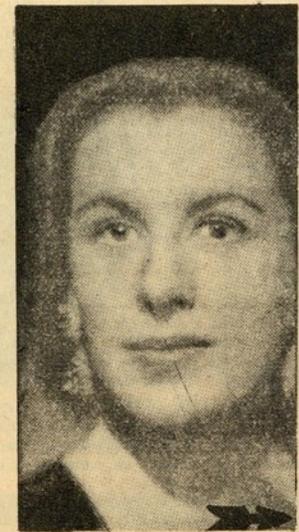
Presentemente — a ironia do destino — que Bárbara Shaw conseguiu perder a pronúncia inglesa, vai representar, na Comédie des Campos Eliseus um papel... de inglesa!

DIGA O QUE PENSA! ...



À CÊRCA DE João Villaret

que domina quantos vivem da emoção e, também, com aquela capacidade de compreensão, serena e orientada, que faz orientar os ímpetus pela força mais forte e esclarecida da inteligência. Se alguma vez se quiser opor o racional ao cerebral, suponho que será difícil, em Villaret, conseguir essa distinção. Mas penso que nenhum motivo há para que deixe de referir um pormenor que me tem preocupado: desde que fez a «Electra», Villaret não terá guardado, na sua expressão interpretativa, qualquer coisa do péso trágico daquelas sombras medonhas dos «Mannon»? Na «Miss Ba» isso pareceu-me transparente. Mas de nenhum modo me sinto com justa razão para lhe fazer restrições. Pelo contrário, acho que, na transformação de elenco verificada êste ano no Nacional, êle foi a grande baixa registada pelo nosso primeiro palco. E já hoje um grande artista e, se esta opinião não for partilhada por toda a gente, êle não tem culpa de ter chegado cá há tão pouco tempo. Todos temos a tendência para viver de saúdaes, e raras vezes suportamos que chegue diante de nós, com o ar de quem veio de largar a ama de leite, quem seja capaz de se pôr ao lado daqueles que já há muito tempo constituíam as nossas glórias eleitas, as glórias da nossa idade...



CONTINUA o nosso pequeno inquérito acerca de um pequeno número de artistas. Escolhemos para nêle figurarem — gente nova, aquela que mais ultimamente se tem evidenciado. E, assim, chamámos hoje o dr. José Ribeiro dos Santos, autor teatral e crítico de méritos a que não será preciso pôr adjectivos, para que o leitor se aperceba do valor d'êste depoimento. E, lo — enquanto não vêm outros falar de Hermínia Silva, Laura Alves, Madalena Sotto, Adelina Campos e Amália Rodrigues:

— Que pensa de João Villaret?
— Penso que Villaret é um caso muito especial no nosso teatro contemporâneo, com um poder de exteriorização dramática que chega bem para convencer e subjugar quantos tem ainda hoje a paixão do espectáculo teatral. Julgo-o um artista completo, com aquela chama interior

NOS BASTIDORES DO CINEMA NACIONAL

HA REALMENTE DIFICULDADES PARA ESTREAR EM LISBOA OS FILMES PORTUGUESES?

por FERNANDO FRAGOSO

VAL grande celeuma nos arraiais do cinema português. Publicam-se artigos, estampam-se entrevistas, fazem-se comícios às mesas dos cafés — as próprias emissoras acompanham este estranho côro de votos, anseios, protestos, esperanças, ambições e despeitos, que se fundem no clamor dos que pedem e exigem, em singulares condições, a protecção da cinematografia nacional.

Estamos à vontade, para comentar o que vimos e ouvimos. Há quasi vinte anos que mantemos, justificamos e defendemos, na Imprensa, a necessidade de fomentar e proteger o filme português que se impõe e acredita, cada vez mais, como um imperativo nacional. Mas tal facto hoje, como ontem, não nos inibe de condenar tudo aquilo que se nos afigura pura especulação, pois entendemos que mascarar os factos e as intenções só pode contribuir para diminuir, perante os poderes constituídos, as probabilidades de vermos realizadas as aspirações da cinematografia nacional. A sua protecção é tão legítima, tão necessária e tão instante, que «fala por si mesmo». Inventar réus, apontar culpados, adaptar o momento do cinema português ao entrecho vulgar de uma fita de «cow-boys», com a «donzela perseguida», o «rapaz destemido» e os «piratas» dos exhibidores e distribuidores, associados aos «agentes» das potências cinematográficas estrangeiras — parece-nos tão ridículo como contraproducente. Porque amanhã, perobem-se os truques e lá vai por água abaixo toda a emoção tão ingenuamente arquitectada. E a causa do cinema nacional ficará a perder, mais uma vez, por culpa daqueles que, arvorados em seus únicos defensores, não querem ou não podem ver o problema nos justos termos, porque os interesses nacionais que apregoam, e os interesses particulares que os inspiram, sobrepõem-se e confundindo-se, lhes turvam, por vezes, o raciocínio.

Dois factos recentes forneceram o pretexto para a celeuma das últimas semanas: o êxito de «Inês de Castro», com a circunstância de haver sido declarada de «interesse nacional»; e a estreia, em Alhandra, de «Um Homem às Direitas». Analisemos, num e noutro caso, o que se disse — e o que ficou por dizer.

* * *

Em matéria de protecção, e em relação ao que se passa em Es-

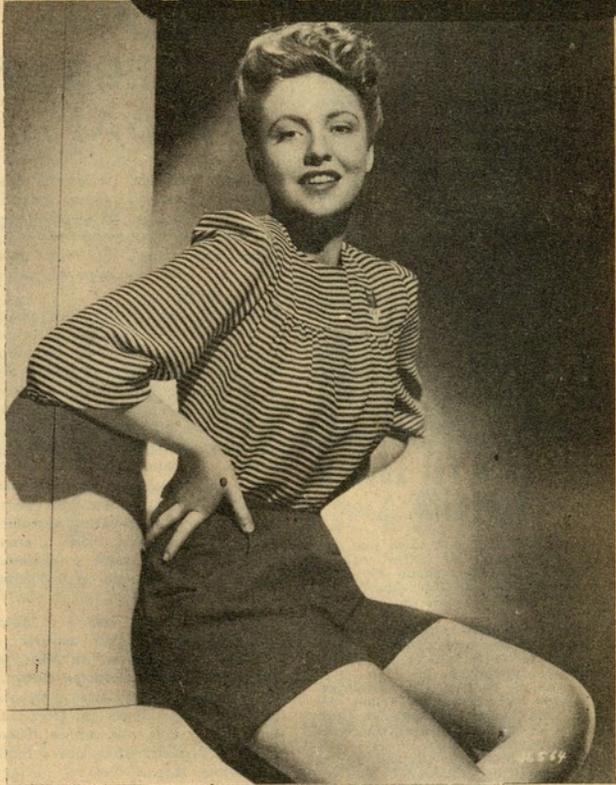
panha, há quem se coloque na situação daquelas pessoas que indo ao restaurante para almoçar, em lugar de consultar a ementa, preferem ver o que estão comendo os vizinhos do lado, para dizer ao criado: «Quero o mesmo que aquêl senhor». Em Espanha há dobragem?! E logo se clama, entre nós: «dobragem para dois». «Nuestros hermanos» condicionam a entrada de filmes estrangeiros?! E imediatamente se exige: «estabeleça-se o contingente!» Proclama-se um filme de «interesse nacional» — e não é preciso mais para se pretender que todos os nossos filmes possam escolher a data e o local de exhibição — niveladas pela «Inês de Castro», as obras produzidas ou a produzir, nos estúdios alfacinhas...

É verdade que ninguém vai além da enunciação do princípio. Para eles, o estudo do problema e as possibilidades de adaptação de tais casos ao caso nacional, são aspectos secundários. E nem sequer se lembram de comparar estes dois números: em 1944, a Espanha produziu mais de cinquenta filmes; e nós limitamo-nos ao «Violino de João», à «Menina da Rádio» e à exhibição, em Alhandra, de «Um Homem às Direitas».

Citou-se o facto de «Inês de Castro», apoiado, numa lei, ter podido escolher, em Madrid, a data e o cinema para sua apresentação. Mas ninguém referiu, porque isso não convinha ao esclarecimento dos factos, que, em Portugal, o filme não necessitou da muleta oficial para negociar a estreia, na sala e na data desejadas pelos seus produtores.

Ainda a propósito de filmes de «interesse nacional», tão pouco se informou que a mesma entidade, que atribuiu ao filme de Leitão de Barros as vantagens inerentes ao título, mandou destruir os negativos do «Cruzador Baleares» e de «Vésperas Imperiais», numa reciprocidade legítima, sem se preocupar com os milhões gastos na sua realização, por entender que os filmes eram lesivos do mesmo «interesse nacional». E também não se acrescentou que, até hoje, a despeito das dezenas e dezenas de produções apresentadas, só quatro películas, se não estamos em erro, foram classificadas com título semelhante.

Por aqui se verifica que se omitiram, saborosas particularidades e que patrioticamente se desprezou o pequeno pormenor de, no nosso país, «Inês de Castro», sem se apoiar em lei alguma, estar desfrutando de re-



Joan Leslie é hoje uma das favoritas do público americano. Dança como uma sifide, e os nossos leitores já puderam apreciar o seu talento e a sua graça no «Ballado da Saúde», ao lado de Fred Astaire. Vamos vê-la, este ano, em vários filmes, entre os quais «The Yankee Doodle Dandy», que a lançou nos Estados Unidos como a grande vedeta do momento.

galias e vantagens idênticas às que em Espanha só obteve, por força duma disposição legal.

* * *

Vejamos, agora, o caso de «Um Homem às Direitas». Reportemo-nos às públicas declarações de César de Sá e às indicações que sucessivamente foram dadas em «sueltos» de carácter publicitário. E, assim, em 30 de Dezembro findo, um jornal da tarde diz-nos que só nessa manhã «se concluíram as gravações sonoras daquela película». O produtor esclarece que a exhibe em Alhandra para poder concorrer aos prémios do S. N. I. Informa que as dificuldades da estreia são cada vez maiores para um filme nacional. E acrescenta: «Após a sessão de Alhandra, conto refazer e aperfeiçoar alguns registos de som». Como não é crível que aquêl produtor se haja resolvido a atirar com o dinheiro pela janela fora, temos que concluir que, à data da exhibição de Alhandra, o filme não estava em condições de ser estreado em Lisboa e no Porto.

(Continua na pág. 16)

FITAS FALADAS

ODEON-PALÁCIO: «DUBARRY ERA UMA SENHORA»

SÃO raras as operetas de Broadway que resultaram no cinema. O fenómeno, ainda que repetido, não pode generalizar-se. Porque há excepções que confirmam a regra. «Dubarry was a Lady» pertence ao número dos maiores êxitos teatrais nova-yorkinos. E, no cinema — perguntará o leitor? No cinema — as coisas não se apresentam com aspecto tão risonho.

Edmundo Lassalle, representante de Walt Disney, para a Europa, disse-nos um dia, que a censura do sr. Hays era muito mais rigorosa do que a outra que comanda os destinos do que se passa no tablado. Das «Burlesques» ao nú de Hollywood, vai, com efeito, um mundo de distância. E o mesmo quanto aos temas e situações. «Panamá Hattie» foi um sucesso clamoroso no palco. No cinema redundou na ensonsa e desenhada «Loirinha do Panamá».

Em «Dubarry era uma senhora», as razões do desencontro são outras. O sonho — todas as seqüências da segunda metade do filme — não tem na tela a leveza e o humorismo que requeriam. No palco, tudo aquilo será admissível. No filme, assume aspectos de caricatura grosseira. O «maravilhoso» da imagem tem um estilo próprio.

No entanto, o filme possui qualidades. Entre as mais notórias, a beleza do colorido, o fausto da montagem, o «interesse» de Lucille Ball. Há «sketches» engraçadíssimos, como por exemplo o do actor que imita Charles Boyer. E as belezas do calendário sabem a pouco, como os dias de férias durante o ano. Varga, o célebre desenhador do «Esquire», encontrou em Hollywood, réplicas vivas das maravilhosas ilustrações que são o grande atractivo daquele magazine, «for men only».

E só para ver a beleza da mulher nos prodigiosos «espectres» que o filme nos revela, vale a pena passar o tempo a olhar para o calendário, ainda que os meses corram, como ail, em espaços de segundos...

F. F.

O «TIGRE», RESSUSCITADO PELO CINEMA!



HOLLYWOOD acaba de produzir um dos maiores filmes dos últimos tempos, à glória de Woodrow Wilson — presidente dos Estados Unidos no agitado período da Grande Guerra e autor do famoso plano para a segurança mundial, que mais tarde havia de malograr-se estrofanosamente. Todas as figuras que tiveram assento na Conferência da Paz são evocadas de forma notável, e a gravura mostra-nos Clemenceau, o «Tigre», num dos seus famosos discursos, durante um banquete, em Versailles, em que tomaram parte todos os congressistas. Wilson é personificado extraordinariamente — afirma o crítico — por um actor até lá pouco quasi desconhecido, e que teve um pequeno papel em «Isto acima de tudo» — Alexandre Knox. Lloyd George é evocado também numa caracterização sensacional. O esculpido com que foram representadas estas figuras, tão próximas dos nossos dias, poderá o leitor avaliar, se se der ao trabalho de atentar na gravura que acompanha estas linhas, e onde Clemenceau ressurgue com invulgar poder de convicção.



SABE QUEM FOI ANDREW CARNEGIE? ...

CARNEGIE, «o homem que pôs o coração no cofre», nasceu na pequena cidade de Dunfermline, no Condado de Fife, Escócia, outrora residência dos reis escoceses.

A sua casa era pequenina, pobre, e jamais alguém seria capaz de supor que ali havia de nascer o homem mais rico do mundo.

Os pais de Andrew Carnegie eram modestos trabalhadores. Viviam tão mal, com tantas dificuldades, que um dia se lançaram à aventura, emigrando para a América.

No Novo Mundo a vida não correu muito melhor. Todavia, o pai de Andrew arranjava emprego como tecelão e a mãe, por seu lado, trabalhava todo o dia e grande parte da noite como ajudante de uma sapataria. Andrew não ficava inactivo.

O seu ordenado era de 6 shillings semanais, numa fábrica.

Andrew foi crescendo e aprendendo. Muito cedo, já escrevia para os jornais pequenos artigos. Mais tarde, empregado na «Pennsylvania Railroad», conseguiu amealhar uns dólares. Conheceu o inventor dos «Wagons-lits», e como todos se rissem da sua ideia, Andrew dispôs-se a financiá-lo, conseguindo reunir, para isso, o dinheiro necessário.

Tornou-se um perito em questões de caminhos de ferro. Quando reventou a guerra civil americana, foi encarregado dos serviços ferroviários militares. Viu, então, que o ferro era muito mais apropriado do que a madeira para a construção de pontes. A sua aguda visão deve-se ao sucesso de várias companhias que se montaram para este fim.

Durante a grande corrida aos poços petrolíferos da Pensilvânia, Carnegie e alguns amigos foram ver as «coleas de perto». Por quarenta mil dólares, compraram alguns poços que valiam mais de cinco milhões.

A fortuna parecia que ia ter com ele. Andrew Carnegie teve de abandonar alguns empreendimentos, porque estava sobrecarregadíssimo. Em 1901, quando se afastou dos negócios, era um dos homens mais ricos do mundo.

A parte mais interessante da vida de Andrew Carnegie começa aqui, quando se dispôs a beneficiar os necessitados por meio da sua fabulosa riqueza. Talvez se lembrasse do seu passado difícil em que conhecia a fome de perto.

O seu primeiro gesto altruístico foi a fundação de uma Biblioteca Pública na sua terra natal. Como, na infância, não tivera os meios para poder estudar, Andrew Carnegie deu metade do seu rendimento para custear as matrículas dos estudantes pobres.

Além disso, deu quasi um milhão de libras em benefício do povo da terra onde nasceu, estabelecendo um colégio de higiene e outras instituições.

Um acidente numa mina de carvão, no qual o chefe do grupo de salvação perdeu a vida, sugeriu a Andrew Carnegie a ideia de organizar um fundo em dinheiro para as famílias ou para qualquer pessoa que tivesse tido um acidente em virtude do seu altruísmo. Nasceu, então, o «Fundo para os heróis», de cinco milhões de dólares, que funcionou tanto na América como na Inglaterra.

Deve-se a ele, também, em parte, a construção do Palácio da Paz, em Haia, que foi, por assim dizer, o princípio da Sociedade das Nações.

TROFEUS DE CANIBAIS...

AQUI está uma fotografia que, certamente, irá causar arriplos aos nossos leitores. Pelo menos, nós, escrevendo estas linhas, sentimo-nos um tanto gelados... e o caso, francamente, não é para menos.

Suponham os leitores que tinham a infeliz ideia de se meterem num luxuoso paquete para se disporem, pacatamente, a gozar as delícias de umas férias e que, por fatalidade, escolhiam para local essa região entre os rios Burma e o Yunnan.

O leitor, homem civilizado, e que acredita, sinceramente, não haver mais antropófagos a não ser nas histórias dos papões para amedrontar as crianças (péssimo costume, diga-se de passagem), sobe à amurada do navio, assesta o binóculo muito bem graduado e exclama, convicto:

— Belo! Isto sim, que é o lugar ideal para um merecido repouso!

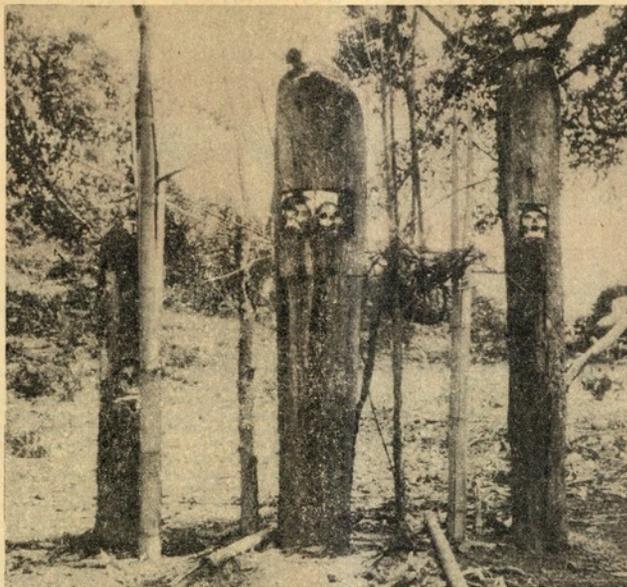
Tenha cautela, leitor! Às vezes, já diz o rifão, as aparências iludem. Na verdade, o seu binóculo mostrou-lhe uma região densa em florestas, limitada por dois rios calmos. Tudo parece, à primeira vista, que o local será calmo. Mas...

Bem, vá o leitor a terra, com a sua barraca de campanha, uma cadeira de repouso e mantimentos. Sim, senhor. O ar é esplêndido, não há dúvida. Parece o céu ou coisa que o valha. O leitor está felicíssimo.

Arma a sua barraca. Dorme. A noite decorre calma. No céu, uma lua bonita. Apetece cantar, não apetece?

Quere um conselho? Esteja calado. Não produza o menor som. Caso contrário... Mas já é tarde. Eles aí estão. É inútil fugir ou defender-se. São muitos. Cinqüenta, cem. Aparecem de todo o lado.

Adéus, querido leitor. Despeça-se das férias. Esses tentáculos negros que se aproximam são canibais, antro-



pófagos, isso precisamente que você pensava só existir em contos para meter medo aos meninos.

Mas o pior de tudo, infeliz leitor, é que eles têm fome. Uma fome devoradora. É tão raro um branco, um branco forte, gordo, bem alimentado, como V. Ex.^a o é, certamente, cair-lhe nas mãos!

Está vendo como eles aspiram o ar com volúpia? Cheira-lhes a carne tenrinha. É horrível, não é?

Já alguma vez o leitor viu assar um pequeno bácoro? Espetam-no num pau, acendem o lume e depois vão rodando, rodando, até ficar bem tostado. Fogo brando, naturalmente.

Bem, mas talvez seja melhor não continuar a descrição. Isto não passou de uma hipótese. Que o leitor não tem a desastrosa ideia de ir passar as férias entre os rios Burma e Yunnan. Já viu a fotografia? Pois aqueles crânios pertenceram a outros tantos infelizes que por ali passaram. Estão em exposição, como numa mostra. Engraçado, não lhes parece?... Oh, sim!...

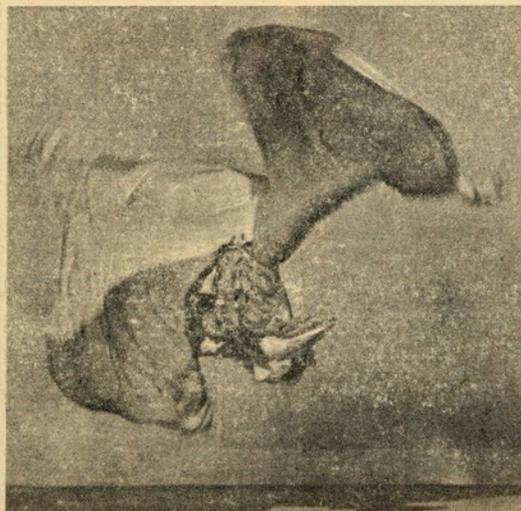
Outro achado

HÁ semanas noticiámos o achado de uma dentadura artificial com milhares de anos e, agora, chegamos a informação que na Nigéria Africana um explorador, encontrou, por acaso, num túnel subterrâneo, uma cabeça de homem, feita de bronze. O achado, já de si valioso, por se tratar de um primitivo trabalho neste metal tem um particular interesse porque apresenta, junto dos olhos de homem duas redondelas o que leva a supor tratar-se, nem mais nem menos, do que de uns óculos.

Os peritos estão de volta da «cabeça», dando volta à cabeça (dêles, peritos, naturalmente...) a ver se atinam se «aquilo» são óculos, de facto, ou uma imperfeição qualquer do bronze. A ser verdade, o achado viria provar que o uso dos óculos não é coisa recente, como se queria até aqui. De qualquer maneira aqui fica a notícia, à espera de confirmação, quando os peritos concluírem os seus estudos.

APRENDENDO A SALTAR...

ROSA Droigk é uma bailarina de fama mundial. O salto chamado «parterre» exige a máxima concentração. Um pequeno desvio, quando dá a volta no ar, e a cabeça da artista pode tocar no solo e causar-lhe a morte. Para aprender este salto é necessário um treino aturado. Rose Droigk coloca um cartucho de papel no chão, para assim poder calcular as distâncias, mantendo sempre a mesma separação, entre a sua cabeça e o solo. Aqui a vemos, agora, de noite, durante o espectáculo, executando o r-esmo salto. O vestuário amplo torna o número mais difícil, mas, por outro lado, sob o clarão dos projectores, dá-lhe um aspecto surpreendente.



ITINERARIO PITORESCO



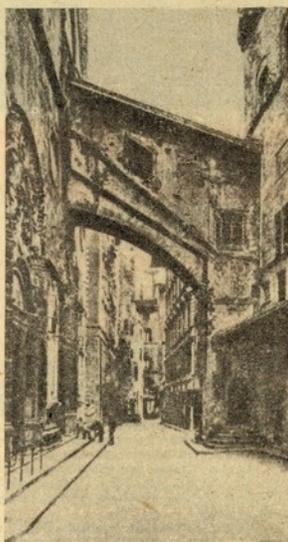
3 ASPECTOS DE FLORENÇA A MAGNÍFICA!

Florença, uma das mais belas cidades italianas tem aspectos curiosíssimos. Eis três dêles, apanhados ao acaso:

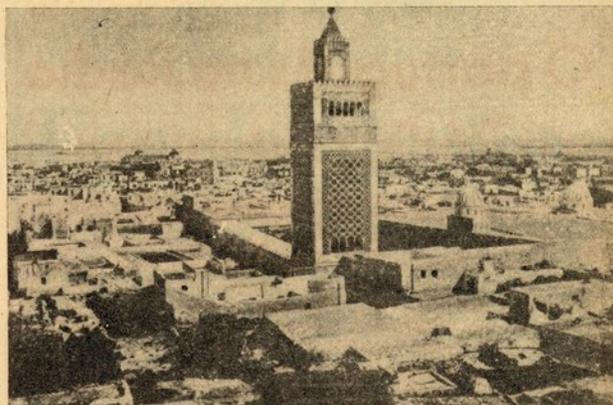
O edifício célebre dos Offícios, vendo-se ao fundo a torre da Galeria Real



O famoso Palácio dos Patti, distinguindo-se mais além a ponte que foi teatro de tantas lutas sangüinolentas



E, por fim, Orsamuichele, o decantado Orsamuichele, em cujos nichos estão expostos alguns dos melhores trabalhos de Micheozzi, Ghiberti e Donatello



TUNÍSIA

JARDIM BONITO DO MEDITERRANEO

HÁ quem lhe chame a «terra ideal». Ideal pelo seu clima, pela sua gente, pelos seus horizontes côr de fogo, pela voluptuosa beleza do mar que a vem beijar docemente.

E, na verdade, a Tunísia, plantada bem à beira do Mediterrâneo, a vinte horas por mar, do grande pôrto de Marselha, ponto de passagem para os peregrinos do mundo — ela é uma terra verdadeiramente ideal.

Os seus caminhos de ferro podem apontar-se como exemplos. Em poucas horas, o viajante ansioso de horizontes novos passa de Tunis ao sul do país, extasiando-se diante dêsses oásis, célebres na literatura e no cinema, como, por exemplo, o de Toger ou o de Gabes...

Tunis e Carthago, as duas cidades privilegiadas, têm encantos sem fim e não são avaras dêsses encantos. Pelo contrário, êles estão bem nítidos, na arquitectura, nas árvores milenárias, nas suas panorâmicas maravilhosas, nos seus jardins encantadores.

Mas há ainda outra cidade da Tunísia — Gabbés — que oferece um espectáculo inolvidável aos olhos do turista. E na célebre Djerba, a Ilha da Areia de Ouro, faz o remoto e venerando Homero aportar o não menos remoto e venerando Ulisses.

Isto não falando em Bizerta — cujas crônicas de guerra são o melhor documento para a sut história.

Bem dizia um conhecido escritor francês cantando as glórias e os encantos da Tunísia: «Pays très beau e très ardent, émouvant et mystérieux, pays de grande solitude, de silence e de liberté». Essa é, pois, a «terra ideal»!

IMAGENS DO MUNDO

ÁRVORES COM 58.000.000 DE ANOS

DE quando em vez, os pesquisadores oferecem-nos novidades saborosas como esta: nas páginas de «Scientific Monthly», Ralph Chaney acaba de afirmar que no Círculo Ártico foram encontrados restos de várias árvores, tão comuns como o olmo e o pinheiro gigante da Califórnia.

Essas árvores, aliás, abundaram no Alaska, na Groenlândia e na zona norte da Sibéria. Todas elas têm, pelo menos, 58.000.000 anos.

E isso vale tanto para os geólogos... como a palavra «ontem» vale para nós outros...

UMA CIDADE DESCOBERTA DUAS VEZES.

Descobriu-se em Ceilão, pela segunda vez, a cidade antiquíssima

de Anurathapura, a qual ocupa apenas 194 quilômetros de extensão.

É interessante recordar um pouco a história romântica dessa cidade. Anurathapura foi uma cidade grande e bela e chegou a ser a capital de Ceilão, precisamente no século V antes da Era Cristã.

E, então, nesse período esplendoroso, Anurathapura estava rodeada de quatro altíssimas muralhas e tinha uma área de 700 quilômetros quadrados.

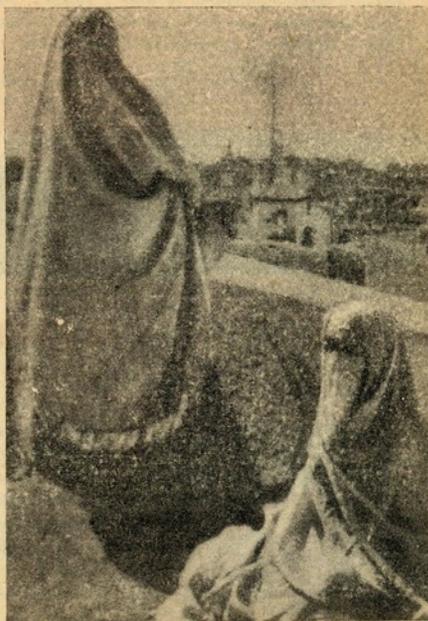
Diziam os poetas dêsse tempo que Anurathapura rivalizava com Ninive e Babilônia.

Mas, depois, uma invasão destruiu e arruinou a cidade sumptuosa.

E só agora, séculos depois, passados anos e anos de abandono, Anurathapura foi descoberta, pela segunda vez...

Mulheres Árabes

Num dos seus traços característicos, as mulheres árabes, num pôr do sol magnífico, erguem-se perante a cidade que parece adormecida e deserta.



O português na Rádio e a Rádio portuguesa...

SUPOMOS não ferir ninguém acentuando que estamos numa terra onde se fala muito e se produz pouco... Somos todos emoção — aliás, na generalidade, superficial — vontade, ardor e paixão... Muito sentimento e pouca acção... Práticos não somos — por muito que isso pese a certas excepções, que nos honram, mas que não são a grande massa... Donde vem a culpa? «De trás, vem quem nos empurra», dizem na terra de minha mãe, e eu aceito largamente a justificação.

O mal vem de trás mas não é só isso: contemos com o condicionismo geográfico e as conseqüentes condições ráticas.

Este «de trás vem quem nos empurra» tem mais um sentido de educação do que qualquer outro.

Somos, graças a Deus, péssimamente mal educados!... O que era preciso desenvolver fica quasi em embrião. O mauzinho, o rezingão, o superficial, a generosidade sem contra, pêso e medida, isso sim, isso impera em nós e puxa os cordelinhos da nossa acção desordenada...

Lógicamente, a massa radiofónica, os de dentro e os de fora, é formada orgulhosamente por portugueses assim... A Rádio portuguesa tem, portanto, todos os nossos defeitos e tôdas as nossas qualidades, além dos erros duma orientação deficiente.

Exteriormente, o ouvinte — falador pouco prático, teórico, sentimental, mal educado, rezingão, superficial e generoso, em suma, portuguêsmente defeituoso... — ataca e perdão, comenta e critica, e vai ouvindo, melhor ou pior, o que a Rádio lhe dá, sem nada fazer para melhorar ou piorar este estado de coisas...

Interiormente, o profissional ou o amador — o mesmo português com os mesmos defeitos — faz o mesmo, ou melhor, faz o contrário no sentido inverso... Não contamos aqui com as excepções, que as há, excepções que são amachucadas e combatidas pela regra...

A Rádio portuguesa, estagnada, está comprimida pelas duas correntes de forças iguais, fazendo orgulhosamente parte dum bloco nacional.

Esta situação não é de modificação fácil, podendo apenas prever-se vantagens para o lado interno. Mas tudo isto faz parte dum cunho que patrioticamente, e com vaidade, devemos manter, porque ainda é, no seu conjunto, admirável e merecedor do aplauso de nacionais e estrangeiros.

A Rádio, dentro dos nossos defeitos e qualidades, seria ideal se cingida aos quadros da boa orgânica mundialmente adoptada, não se lhe notassem os erros que nada têm que ver com a nossa personalidade forte.

A nossa Rádio, sem a falta de dinheiro — a clássica falta de dinheiro — com independência de trabalho, com meios próprios de manutenção, com cargos especializados, sem amadorismo, teria um vinculo nacional a marcar-lhe diferença e originalidade... Isto tudo há-de conseguir-se brevemente com o apoio do Estado, que dedica actualmente à Rádio portuguesa atenção e cuidado. Ficaremos, então, com uma Rádio ideal, uma Rádio perfeita, limpinha dos nossos próprios defeitos e orgulhosa e patrioticamente portuguesa.

MIGUEL TEIXEIRA



XAVIER CUGAT

UM LATINO QUE VENCEU NA AMÉRICA DO NORTE...

México. Hoje, Xavier Cugat é considerado «o homem com mais trabalho em Hollywood». Trabalhando, sob contrato, para a Metro-Goldwin-Mayer, concluiu, há pouco, dois filmes musicais; ao mesmo tempo — como um esplêndido caricaturista que é — editou mais um livro da sua famosa colecção de caricaturas de homens célebres; e, ainda simultaneamente, conseguiu manter o seu programa semanal de Rádio e a sua colaboração nos «cabarets» onde a sua orquestra se exhibe.

Xavier Cugat caminha a passos agigantados para uma fortuna enorme!... Eis um latino que, com o ritmo das congas e das rumbas, venceu no país dos dólares à custa dum esforço de trabalho que os americanos tanto admiram e aplaudem!

Numa entrevista recente, Cugat afirmou: «A Rádio é o «postigo» da porta que dá para a vitória... O mais difícil é abrir a porta...». Pelo visto, Xavier Cugat conseguiu abrir essa porta, depois de ter estado ao «postigo» da N. B. C.!

AQUELES que ouvem com regularidade os programas da Rádio já conhecem bem Xavier Cugat. Directamente, através das estações americanas ou em gravações que a Rádio de todo o mundo transmite, Cugat tem o seu nome ligado à rádio-difusão mundial de maneira que não passa despercebida.

Xavier Cugat — uns dizem que é espanhol, outros dizem que é mexicano — é um latino que partiu para a América do Norte, cheio de ilusões e com uma pasta de músicas... Depois, pouco a pouco, formou a sua orquestra, mandando ir, um a um, os elementos que havia deixado no México.

«GONGS»

* Rádio Peninsular transmitiu, sexta-feira, 22, às 21.30, o programa «Teatro do ar», ensaiado e dirigido por Manuel Lereño. O programa tem interesse e é perfeito. Deve ser, mesmo, o único programa que actualmente apresenta um núcleo trabalhado, para fazer teatro radiofónico regularmente.

* Foram gravadas mais provas de candidatos aos quadros de locução da E. N.. São as últimas provas, dizem...

* Rádio Peninsular possui actualmente um elemento que nos parece poder vir a ser um bom locutor: A sua voz, das melhores que actualmente se encontram nas nossas estações, é esplêndida. Deve, no entanto, cuidar do resto — que o resto, como o gesto, é tudo...

Trata-se de Carlos Pereira.

* Começado o ano e passados alguns dias, é grande o interesse dos radiófilos pelas modificações que o programa-tipo da estação oficial vinha anunciando para aquela data, e que devem ser introduzidas em breve.

* Ouvimos o programa de música de concerto pelo sexteto de Rádio Clube Português. Achamos de mau critério a inclusão de anúncios de publicidade nos intervalos dos trechos. Estes programas sérios devem manter uma unidade que nem sempre se exige a um programa ligeiro. O nome do artista Luís Barbosa, antes ou depois dum anúncio da «União de Sucatas», sóa mal...

* Peter Watson, o melhor locutor da B.B.C., habitual leitor dos noticiários das estações de ondas curtas e considerado conhecedor dos assuntos de Rádio, afirmou, numa entrevista concedida a um jornal americano, que o melhor locutor estrangeiro em serviço na B.B.C., é o nosso compatriota Fernando Pessa, que considera, dentro do seu género, um dos melhores do mundo.

* Rádio Renascença de Lisboa, é a estação que, a seguir à E. N., se ouve melhor na capital. No entanto, o seu microfone de cabine não está em relação com a potência e condições de recepção. Esse microfone deturpa por completo as vozes, tornando-as desagradáveis.

* Consta que a E. N. fará brevemente concursos oficiais e remodelações na orgânica dos quadros, visando especialmente locutores e assistentes de programas, que melhore a sua actual situação. Água mole em pedra dura...

* As «Emissões Recreativas» de Rádio Clube Português, dirigidas por José de Oliveira Cosme, apresentaram um curioso concurso que revelará, com certeza, alguns artistas da Rádio. A ideia que lhe deu origem, é digna de aplauso. Ouvindo os três primeiros concorrentes, chegamos à conclusão de que trabalhar na Rádio não é tão fácil como parece... Aliás, deve ser também esta a opinião do dirigente destas emissões...

* Não se percebe bem o critério seguido pela Electro-Mecânica do Porto, na sua programação... A mistura do «Boler» de Ravel com «Sou tua», um fado, é inconcebível, não havendo sequer a desculpa de se tratar dum programa de pedidos!... Ou não haverá critério nenhum?...

GRACINHAS

O girassol e o gafanhoto

«O gafanhoto deu um pulo muito grande e ficou em cima do girassol; depois, muito orgulhoso, olhou o jardim em volta e em baixo, viu os outros gafanhotos no chão e pensou que tinha alcançado o sol».

Proporção:

Gafanhoto: certos da Rádio-girassol: microfone.



À margem das críticas

Eça de Queiroz

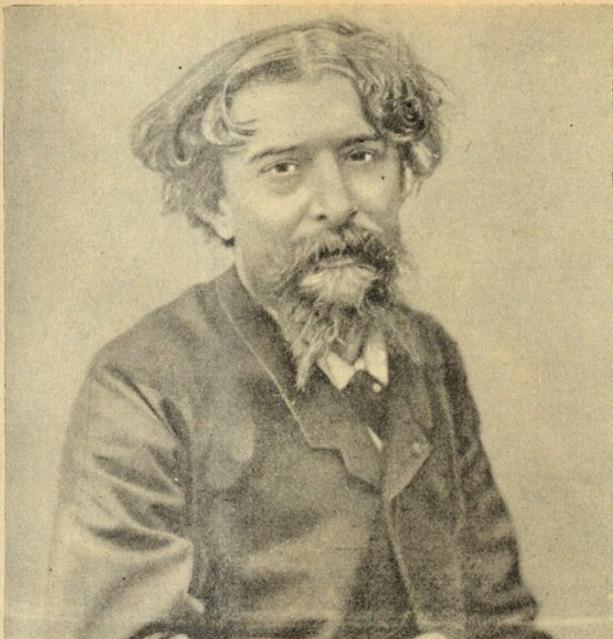
pelo Dr. Lopes de Oliveira

O professor Dr. Lopes de Oliveira — corpo entroncado de beirão, farta bigodeira pré-diluviana, olhar perscrutador de sefardim com sangue luso nas veias, indumentária à Camacho de quem pouco se preocupa com as tôlas preocupações do chiquismo académico — é um dos mais brilhantes espíritos da sua geração, que é a minha, e ninguém, em Portugal, lhe dá um passo à frente nos estudos biográficos. Não se limita a dissecar obras. Vai mais fundo, e entra na alma dos seus biografados. Este seu livro, agora saído — Eça de Queiroz: História das suas obras contada por ele próprio: «Páginas Desconhecidas» — não é, exactamente por isso, uma simples biografia, mas principalmente o estudo de um carácter, com suas predilecções e anseios, preocupações e dúvidas, ilusões e desilusões, esforços e cansaças, em notas arrancadas ao próprio labor do romancista, e principalmente à sua preciosa epistolografia.

Lopes de Oliveira, mestre de mestres neste género de trabalhos, deu-nos assim, neste riquíssimo livro de investigação crítica, um Eça literariamente certo, psicologicamente verdadeiro. E fez um estudo sobre o grande romancista de «A Cidade e as Serras» que ficará nestas literárias comemorações do Centenário queiroziano, como uma das mais ricas contribuições de quantas por agora se têm publicado. E que prosa, a prosa de Lopes de Oliveira! Saborosa e ductil, ao mesmo tempo correntia e académica (no bom sentido da palavra), sem reflexos nem contorcimentos e bebida, por vezes, na fonte cristalina de Camilo, com espiritualidade e nervo, com emoção e criteriosa independência. E, sobretudo, curioso este livro para os que se preocupam com estas minúcias, pois através das suas páginas nos surge um Eça pouco conhecido, um Eça lutando contra os preconceitos dos amigos e dos editores, no formidável esforço de marcar a sua independência e a liberdade da sua pena, por cima e à margem dos seus próprios interesses burocráticos e sociais. Com uma habilidade rara, que só um grande biógrafo consegue, Lopes de Oliveira prefere, a falar de, deixar falar o seu biografado, dando-nos assim, por uma forma indirecta, a verdadeira crítica, não apenas literária, mas psicológica do autor de «O Primo Basílio». Admirável trabalho é este que representa um esforço honesto, uma sábia orientação, um profundo conhecimento da matéria versada e um grande equilíbrio na feitura das suas páginas e dos seus capítulos. Obra completa? No seu género, sim. E como elemento de consulta, para um estudo de mais largo fôlego, dificilmente se encontrará melhor. O volume abre pela naturalidade de Eça: Póvoa do Varzim ou Vila do Conde? Lopes de Oliveira fixa a Póvoa do Varzim, mas honestamente regista a versão de Vila do Conde. Ninguém na Póvoa tem dúvidas sobre esse acontecimento. Eu ainda conheci e visitei a casa onde nasceu o romancista de «Os Maias». Casa que já hoje não existe na sua primitiva traça, mas no Museu Marítimo da Póvoa se encontram hoje os objectos que pertenciam ao aposento onde Eça de Queiroz nasceu.

Finalizando esta pequena nota sem pretensões a crítica: «Eça de Queiroz», do Dr. Lopes de Oliveira, é um livro precioso que nos dá um Eça tal qual ele foi, e nos ajuda a compreender a génese da sua obra, o desenvolvimento e a psicologia das suas personagens, o seu pensamento social, religioso e político, o seu desejo de perfeição e o seu esforço de produção. Um grande livro, este livro de Lopes de Oliveira.

JOÃO PAULO FREIRE



A propósito de uma novela...

O Moinho de Daudet a graça da Provença e o retrato do autor de "Lettres de mon Moulin"

um grande acontecimento literário. Obrigado a deixar — tinha 15 anos — a sua cidade natal — Nîmes — o pequeno Alphonse foi arremessado para a vida movimentada de Paris.

A sua iniciação literária — aos 17 anos — foi dura. Poesia, depois teatro — e um êxito inesperado, com os contos, ou antes, com as «Cartas», que lhe deram um triunfo absoluto e o tornaram conhecido do público anónimo.

A Provença, de tão belas e magníficas tradições literárias teve, assim, a graça de ser celebrizada por mais um dos seus namorados. Daudet, porém, não canta a Provença no seu dialecto provençal. Ao contrário de Roumille e Mistral — a sua linguagem é acessível e universal. Os costumes, as lendas, as paisagens, a história revivem aqui com uma opulência e uma serenidade casta e amorosa.

O moinho onde Daudet escreveu as suas «Cartas» foi, em 1938, restaurado, dentro do que pôde supor-se constituir uma reconstituição histórica. Foi o sr. Herriot — escritor e professor de história do liceu de Lyon — quem presidiu à cerimónia inaugural da reintegração do moinho no seu âmbito histórico, e que pertence ao património nacional da França.



Na última página desta revista, publicamos hoje uma novela «condensada» — e que nos perdém o sacrilégio aqueles que censurarem o nosso acto, praticado sob o péso das realidades do espaço — de um dos mais delicados, espirituosos e bem escritos volumes de Daudet — «Lettres de mon Moulin».

E, a propósito, achamos curioso dar aqui duas pinceladas biográficas, a respeito dessa figura excepcional das letras francesas — ela própria pitoresca, deliciosa de charme nos seus propósitos literários. Juntamente, damos o moinho, na Provença, onde Daudet escreveu as «Cartas» — que são a obra radiosa do autor de tanta obra-prima.

«Lettres de mon Moulin» apareceram em 1866, no «Événement», quando o seu autor tinha apenas 26 anos, e constituiram, desde logo,

apresenta, se destina a larga projecção. O livro tem o título de «O tempo e a vida».

...«Tântalo» é o título do volume de novelas que a Parceria António Maria Pereira vai editar, da autoria de Salinas de Moura.

...O livro que Natércia Freire vai apresentar, com o título «A alma daquela casa» é um volume de contos, estreando-se, assim, como prosadora uma das mais curiosas poetisas portuguesas.

...Nita Lupi completou um novo livro de versos, que aparecerá em breve.

VAMOS LER...

Brevemente, aparecerá um novo livro de João Gaspar Simões. Trata-se de um estudo profundo da figura de Eça de Queiroz, visto como homem e escritor, e que constituirá uma obra destinada a grande repercussão.

...Intitula-se «Um anjo quasi demónio» o romance de Manuela de Azevedo, a aparecer num dos próximos meses.

...Ramada Curto terminou um romance que, pelo caso social que nos

AUTORES DE HOJE

ALBERTO DE SERPA

FRANCISCO COSTA



A Inquérito está a oferecer ao mundo todor verdadeiros monumentos da poesia contemporânea. Depois da excelente edição dos versos de Casais Monteiro, surgen-nos, agora, «Poemas» de Alberto de Serpa. É uma edição monumental, pelo tamanho e pelo seu conteúdo poético e artístico.

Alberto de Serpa, que vem do grupo dos jovens da «Presença» é, porventura, dos mais representativos poetas do nosso tempo. A sua poesia ora é luminosa e clara como o ar num dia de sol meridional, ora se veste de uma abstracção complexa, por assim dizer uma cisma de poeta ligeiramente impenetrável para aqueles que, porventura, tenham o espírito menos apto às circunstâncias poéticas.

As ilustrações de Paulo são de uma delicadeza imponderável — a melhor exteriorização e a melhor concretização dos versos de Alberto de Serpa.



Eis um dos nossos autores que, rapidamente, galgou o espaço e tomou lugar entre os melhores romancistas. Excelente prosador, sereno observador da vida e calmo comentador

dessa mesma vida — e o comentário vem, às vezes, na simples enunciação dos factos — Francisco Costa, que já nos dera «A garça e a serpente», escreveu um novo romance, opulento, paredes meias com a vida em que o autor não se emisce. Sejam quais forem os propósitos com que este livro foi escrito — e nós não duvidamos da sua sinceridade — temos de colocá-lo entre o que de bom, harmonioso e sólido se tem ultimamente escrito. Mesmo pondo de parte no livro de Francisco Costa o que possa constituir facção — temos de o considerar altamente como expressão poética e obra de arte.

A edição, com uma bonita capa de Martins Barata, é da Parceria António Maria Pereira.

A arte e uma artista da miniatura

A meio dessa clara linha recta que se chama Rua da Boavista e que antecede essoutra linha, não menos recta nem menos clara, que é a avenida do mesmo nome, há um prédio de sóbria e maciça fachada, uma fachada semelhante às de muitos outros prédios que o século pretérito nos legou, por trás do qual se abriga um dos espíritos de mulher e artista mais interessantes que tenho tido o ensejo de admirar. Mora ali a sr.^a D. Adriana Ramos Pinto da Costa, ligada pelos vínculos do sangue, a uma das mais conhecidas e respeitáveis famílias desta cidade. Ninguém ignora que seus tios Adriano, já finado, e António Ramos Pinto, um velho de invulgar distinção no porte e no indumento, cuja barbicha aristocrática alveja ainda pelos centros mundanos da capital do Norte, disfrutam renome internacional, como comerciantes e exportadores de Vinho do Porto. E quem entra nessa casa cujo ambiente é de museu — o que não significa, de modo algum, que a vida não estue lá dentro — logo verifica, porque está bem patente nos retratos familiares, expostos com um cuidado digno de imagens religiosas, o culto de que são objecto esse morto e esse vivo e outros mortos e outros vivos, cujos apelidos ilustres — não há vislumbre de exagêro neste qualificativo — são usados, também, com legítimo orgulho, por D. Adriana Ramos Pinto da Costa.

Artista nata, que no leite materno bebeu o gosto pelas belas-arts, esta senhora, que o Porto culto e artífio ainda não conhece suficientemente, tem-se isolado no aconchego do seu lar, que, na verdade, um lar de artista. Além de criadora plástica, de cujas mãos privilegiadas sai beleza formal, a artista é, também, colecionadora de objectos de arte de toda a espécie. Assim, a par de faianças e porcelanas de vetusta fábrica e delicado estilo, abundam ali maravilhosos crucifixos, tão veneráveis pelo simbolismo como pela antiguidade, adornos os mais vários de marfim e madrepérola, bugigangas oriundas do Oriente e devidas à paciência sem limites e à pericia sem rival de magos artífices índios, chineses, japoneses, armas gentílicas, dos mais estranhos formatos, armas brancas e de fogo de épocas passadas, desde a navalha sevilhana de ponta e mola até ao elegante estoque florentino de punho de prata lavrada, mesas, contadores, armários, peças de rico mobiliário antigo, um luxo, uma profusão de ataxiados e marchetados de fino desenho, que, não deslumbrando o profano, deliciam o entendido. Aqui e ali, *bibélots* de gosto e de preço. Um pequeno mundo de preciosidades e raridades que, em suma, confere àquela casa burguesa a categoria de museu particular. Animando esse alfofre de coisas valiosas e encantadoras, que se expõem aos olhos do visitante quasi com receio de que a vejam, numa simpática e afectiva modéstia que é o reflexo, afinal, da modéstia da sua dona, a presença gentil e acolhedora de D. Adriana Ramos Pinto da Costa, figura tutelar daquela vivenda tranqüila, onde tudo predispõe ao enlévo e ao repouso do corpo e do espírito.

Não é esse recheio, porém, o que de mais interessante se patenteia na aquela casa de artista. O que mais interessa ao visitante é, precisamente, o que não se patenteia... D. Adriana Ramos Pinto da Costa, apesar de notabilizada em importantes exposições públicas, no Porto, Lisboa e Estoril, protesta quando lhe chamam artista — e, para ser coerente com esse protesto, só aos íntimos — e aos íntimos que lho rogam — consente em mostrar o produto do seu labor. A artista, que nunca negociou com a sua arte, até porque não precisa dela para viver, trabalha, rigorosamente, *por amor à arte*. Nada, na sua obra, revela a tortura da criação, o anseio da produção, a luta pelo destino do seu nome. Tudo nela é calmo, tudo inculca a realizadora que não tem pressa, — porque não tem obrigações. Todavia, não tendo pressa, por não ter obrigações, tem responsabilidades, as responsabilidades inerentes ao seu nome, que já se impôs ao público, embora a um certo público, e não deve confiar-se na obscuridade doméstica própria dos vulgares amadores sem ambições e sem surtos de talento.

D. Adriana Ramos Pinto da Costa é, principalmente, miniaturista — e não sei de quem, não só no Porto, mas também em Portugal, se lhe avanteje nessa arte de beneditino que não se compadece da impaciência, da urgência, do nervosismo e exige tanto o olhar apurado e o pulso firme como o coração sereno e o espírito imune contra as mesquinhas da vida de todos os momentos. As suas miniaturas, em que a fidelidade ao modelo, ao traço, ao pormenor não interessa, mas em que interessa a interpretação psicológica da figura reproduzida, não são ainda em grande número.

A miniaturista, porque — insisto não trabalha para viver, porque não tem, normalmente, encomendas a satisfazer, porque se refugia no gozo do seu sonho interior, que é de arte pura, sem transigências de qualquer espécie com a vulgaridade; a miniaturista — que ela me perdoe a acusação — é um tanto preguiçosa... Certo, nem só a arte da miniatura lhe solicita a atenção. A pintura — são frescas, naturais, atraentes, as suas flores — constitui, também motivo de interesse especial para D. Adriana Ramos Pinto da Costa. Mas a miniatura sobreleva a pintura — e é à miniaturistas que se exigem trabalhos, cada vez mais e cada vez melhor.

Com mestre Marques de Oliveira, portanto na mais requintada e exigente escola, aprendeu esta ilustre artista portuense a lidar com os pinéis; a lidar — note-se bem — porque «na massa do sangue» estava, quando a mulher veio ao mundo, o gosto pela arte, a inclinação pelos pinéis, instrumento com que o destino lhe mandava exprimir a sua mensagem de beleza. Executando a miniatura sobre marfim, a miniaturista põe à prova, a par do seu engenho, a sua técnica de desenho, a sua agudeza de vista, a sua poderosa memória visual, qualidades essenciais em quem cultiva a pintura — chamemos-lhe assim — *em ponto pequeno*.

Escrupulosa no mais alto grau, põe todos os cuidados no acabamento duma peça, que, na verdade,



A miniaturista sr.^a D. Adriana Ramos Pinto da Costa «posas, na sala-museu da sua vivenda do Porto, para o fotógrafo Álvaro de Azevedo

lhe sai perfeita das mãos. Adversária intransigente do *pointillé*, que representa a adulteração nefasta da arte miniatral, não apresenta um só dos seus trabalhos — poderêi dizer, preferentemente: uma só das suas jóias de arte — que não seja uma realização artística total.

Teve Portugal um miniaturista insigne que se chamou Eduardo Lóbo de Moura. Não proliferou, porém, o exemplo desse artista que, verdadeiramente, honrou o seu país e proveu à sociedade que a arte de Rosalba Carriera, a famosa inovadora veneziana, e dos ilustres Fragonard e Lucardi encontrara, entre nós, quem, com inexcusável esmero, a cultivasse. Há, hoje, alguns miniaturistas — raros, acrescente-se — que, sem o favor do público, se votam ao paciente, ao delicado labor de criar pequeninas maravilhas em placa de marfim que podem meter-se num bôso do coléte. D. Adriana Ramos Pinto da Costa é, sem dúvida, entre os poucos miniaturistas nacionais, uma figura digna de singular admiração. Atrás, atrevi-me a qualificá-la de um tanto preguiçosa — e não careço de razão para o apôdo. Em todo o caso, uma atenuante — e de vulto — encontro para o facto de não produzir mais, já não digo melhor, uma senhora que exerce o seu sacerdócio artístico em condições excepcionais. O favor do público não distinguiu ainda os miniaturistas. Porquê? Naturalmente, porque a miniatura não é arte espectacular, não dá nas vistas, não faz vibrar, não apaixona. É uma arte íntima, recolhida, para admirar muito de perto. Por isso, a obra de arte miniatral precisa de molduras sump-

tuosas, pomposos escrínios, decorativos metais e veludos em que o olhar se fixe, antes de se fixar no que está dentro... *Para raros apenas*, como os primeiros versos do nefelibata glorioso que foi Eugénio de Castro.

A arte de Adriana Ramos Pinto da Costa precisa — já o acentuei — de ser mais conhecida, para ser mais admirada. Todavia, incorreria no pecado da lisonja se augurasse a esta artista, cujo espírito gentil o fogo sagrado do talento aquece e ilumina, a popularidade que premeia o esforço dos pintores de nomeada. Não, esta miniaturista, como qualquer outro artista da especialidade, nunca será popular. A miniaturista é como aquelas estrelas de que os astrónomos dizem maravilhas, mas que só são visíveis através das lentes dos telescópios... É por isso que D. Adriana Ramos Pinto da Costa, que preza mais a palrice ingénua dos seus piriquitos caseiros do que a loquacidade lisonjeira dos seus admiradores importunos, não se esfalta a criar beleza no seu *studio* da Rua da Boavista. Trabalhando quando lhe apetece, porém, não pode eximir-se ao imperativo da sua consciência de artista que, para ela como para os demais, se, exprime nestas palavras, que são, talvez, da sabedoria das nações: *parar é morrer*. Por isso, destas colunas da «Vida Mundial Ilustrada», que a tantos artistas têm dado acolhimento carinhoso e franco, me permito assestar sobre a distinta senhora portuense o foco da minha admiração mais intensa.



ALBINO disse: "Não acabei! E espero estar presente no jogo contra a Espanha"

dida de um ano que para mim foi de todos o que me deixou pior recordação, não podia desejar umas «saídas» mais apetecíveis...

— Diz-se que você está «pronto» como jogador de futebol...

Albino, longe de se ofender, sorri:

— Boatos, meu amigo, boatos... Posso parecer, mas não estou. Já lhe disse que me sinto, talvez como nunca, em magnífica condição física...

Garanto-lhe que o Albino não pensa ainda em «reforma». No dia em que reconhecer que estou a ir abaixo, cedo o meu lugar imediatamente. Fá-lo-ei, todavia, antes, se o Benfica encontrar um novo que dê tódas as garantias de progresso e tranqüillidade ao clube. Porque eu, gostando da bola, não jogo para mim, mas sim para o meu Benfica! Ninguém, honestamente, pode dizer o contrário.

Uma pausa. E o homem que em Milão, no jogo com a Suíça, em 1938, encheu o campo, continua o seu raciocínio:

— Ouvi dizer que em Abril faria a minha despedida! Não me corsta! Se tiver vida e saúde, farei ainda mais duas épocas. A não ser, claro, que apáreça o médio-centro ideal para o Benfica!

Noutro tom:

— Até lhe digo mais...

— Diga, homem, diga o que quiser...

— Confio sinceramente em que ainda lá hei-de ir...

— Aonde?

— A selecção! Não fui esquecido para treinos. Mas espero que agora farei exhibições que convençam os descrentes até ao jogo com a Espanha. Falo-lhe convictamente, e não por valdade, que a não tenho!

— Você leva uma vida regrada...

— O mais possível. Duas ou três vezes por semana deito-me à meia noite, uma hora, o máximo. Nas restantes, às dez, onze horas estou no «quentes»...

— Temos, portanto, homem...

— Absolutamente. Com alma até Almeida, ou talvez seja melhor, com alma até Benfica!...

HÁ anos, numa entrevista que fizemos com Albino, perguntámos-lhe a idade. Responderam-nos que não sabia ao certo... E essa dúvida aproveitámos-la nós para o título: «Albino, o jogador que não sabe ao certo a sua idade...».

Houve uma acentuada efervescência com a afirmação, o que não surpreende numa terra onde tudo causa espanto!... Tudo passou, porém — porque o tempo e o vento tudo levam...

Outro dia encontramos o Albino e tornámos a fazer a pergunta:

— Que idade tem?

— Trinta e três anos. Agora estou perfeitamente seguro de que é assim!

— Porquê não tem jogado?

— Estive doente. No jogo com o Atlético, na segunda volta do Campeonato de Lisboa, sofri uma distensão na perna direita, seguida duma luxação no joelho. O tratamento foi demorado, o que fez com que estivesse cinco domingos sem alinhar, o que nunca sucedera desde que ascendi à primeira categoria do Benfica...

— ...já lá vão...

— ...quinze anos. O máximo que estive sem jogar foi dois domingos.

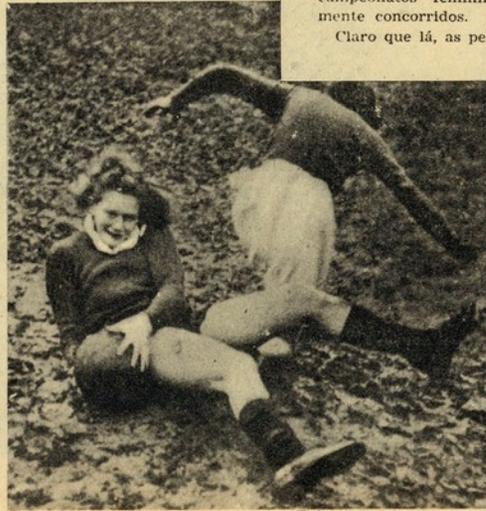
— Como se sente agora?

— Esplêndido, francamente. Tive pouca sorte na partida de reaparição, contra o F. C. do Porto, pois logo de entrada, num choque, fiquei com o olho direito fechado, como vê.

E o popular «Tempéro» mostra-nos o que está bem à vista.

Prosseguindo:

— De resto, óptimo. Não calcula a disposição com que fui para o Porto. Decidiu a fazer um grande jogo. Ia cheio de «genicas», mas as coisas complicaram-se. Como despe-



DESPORTO

Satisfação

HÁ quem malévola e suponha que os jornalistas desportivos têm um prazer especial em criticar ásperamente qualquer acontecimento, em dizer mal, em atacar, enfim, em destruir!... Afinal, dá-se exactamente o contrário. Construir é o sentimento sincero de quantos são honestos, e são todos os que militam no sector desportivo — que é aquêle, acentue-se, a que agora nos estamos reportando.

E sabe sempre bem louvar, apontar os bons exemplos, e, sobretudo, reconhecer que os conselhos sãos e a propaganda séria produzem benéficos resultados.

Foi, portanto, com enorme satisfação que tomámos conhecimento do louvor que a Federação Portuguesa de Futebol dirigiu ao Vitória de Setúbal, ao público da cidade do Sado e ao Sport Lisboa e Benfica pelo magnífico comportamento de todos na partida disputada no penúltimo domingo.

O reconhecimento do organismo máximo do futebol português é deveras notável e constitui um estímulo excelente para as demais colectividades e para as massas que vão aos campos da bola.

Os setubalenses, que na época transacta foram agitados por acontecimentos que levantaram muita celeuma e sobre os quais então nos pronunciámos, tiveram agora uma reparação justíssima que os deve confortar.

Os futebolistas sadinos estão em festa — e não duvidamos um segundo sequer, de que continuarão a justificar a honra que lhes foi agora concedida. Souberam encarar com inextinguível aprumo as contrariedades de um jogo que parecia ganho e terminou por ser bem perdido. E assim o desporto!

Quanto ao Benfica, não são precisas hossanas. O popular clube segue uma tradição, mantém uma norma, e com isso a sua projecção e a sua influência são cada vez maiores.

Ao crítico cumpre apontar os factos serena e imparcialmente.

Mas também lhe não é vedado regosjar-se e dar por bem empregada a tinta gasta para exprimir idéias e conceitos que se resumem numa palavra: construir!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

AS NORUEGUESAS JOGAM O HAND-BALL

AS fotos que inserimos são bem expressivas. Quasi dispensariam legenda. Mostram-nos algumas fases de um animado encontro de «hand-ball» entre dois grupos femininos.

Como se observa, o terreno batido pela chuva constitue uma casa de laranja onde as raparigas fazem prodígios para não escorregar — o que não conseguem, claro, mas não lhes fica mal porque aos homens sucede o mesmo!...

O «hand-ball» tem um apreciável desenvolvimento na Noruega, e os campeonatos femininos são largamente concorridos.

Claro que lá, as peripécias que su-

cedem durante os prélios não causam a hilariedade que os leitores possam supor ao verem estas fotos.

Nos países nórdicos os sorrisos, embora não custem dinheiro, não se distribuem prodigamente e por coisas de somenos...

O desporto, sobretudo, é tomado muito a sério, quer seja praticado por novos ou idosos. E não parece mal. Não é ridículo!

...Os senhores já pensaram no que diriam os puritanos cá da terra se estas fotos correspondessem a um jogo entre lusitaníssimas beldades? Talvez seja preferível não pensar!

O "14.º" na berlinda

PARECE ter chegado a altura de não ser só com o inimigo que se medem forças. Os próprios associados as medem entre si, quando não chegam a aventurar-se a deitar contas às suas próprias, o que, pelos vistos, também é susceptível de produzir certa surpresa. Quando os alemães resolveram festejar o Natal e a passagem do ano com o episódio da contra-ofensiva de von Rundstedt nas Ardenas, que bem serviu para dar certo alento à propaganda alemã, o inglês e o americano, que estavam em casa, ao desdobrar o seu jornal e ao dar conta do sucedido, encostavam o queixo ao peito, pensaram um bocadinho e deram-se, se não a conclusões, ao menos a dúvidas que, antes disso, muito longe andariam de si, principalmente desde que após o desembarque nas praias da Normandia, nunca mais ouviram dizer senão que ia tudo muito bem. Depois, cada um se deixou a investigar na medida da sua capacidade de crítica e de informação, para chegar a conclusões que umas vezes não foram lisonjeiras e outras seriam, pelo menos, bastante imprevisíveis.

Os comentários interessam, porém, muito menos que os factos que os sugeriram e, entre os factos revelados, figuram como de importância manifesta os que citou o «Observer» em resultado do seu inquérito ao volume de forças empregadas na batalha da frente ocidental: um total de 80 divisões, isto é, menos de dois milhões de homens, entre americanos, britânicos, canadianos e franceses que formam os sete exércitos, repartidos em três grupos, sob o comando supremo de Eisenhower, quando se tem anunciado que estão mobilizados e em armas 9 milhões de homens na Comunidade britânica e 11 milhões de americanos. Quere dizer: na frente ocidental, que se afigura, aos olhos do observador europeu, a principal zona de batalha, apenas se emprega uma décima parte do potencial humano mobilizado. Dada a extensão da linha de batalha, desde o mar do Norte ao mar da Líbia, deduz-se, facilmente, a escassa densidade da frente, o que permitiu aos alemães, mediante a concentração de elementos num só sector, operar a rotura que os levou, num impetuoso arranco, quasi até às clássicas linhas do Mosá.

Onde estão, nesse caso, os restantes 18 milhões de anglo-americanos? A frente italiana atribue-se, de momento, uma importância bastante relativa. Mas as frentes do Pacífico surgiram, de repente, com uma efervescência excepcional: os americanos, partindo da Austrália, continuam a saltar de ilha em duas direcções: o arquipélago japonês e o continente asiático. A segunda campanha das Filipinas, actualmente em curso, é de um alcance estratégico de primeira grandeza e de uma importância política de não menores proporções. Ao mesmo tempo, oferece a Mac Arthur a possibilidade de ser o único general aliado, dos que comandaram a retirada na primeira fase da guerra, que goza do favor de conduzir os seus homens à reconquista. Pelo que diz respeito aos ingleses, também o teatro de operações da Birmânia se animou subitamente, de forma a transformar a «frente esquecida» numa das mais activas no actual momento. O golpe de «comando» que levou à conquista do porto de Akyab deu toda a medida do vulto que assumiram as operações: a fronteira da Índia cessou de estar ameaçada e a frente deslocou-se desde as alturas de Imphal e Mitikyna até às regiões de Shwebo e Bhamo, com ameaça evidente para Mondalay e Lashio. Estes nomes geográficos não nos são muito familiares, mas isto quer dizer que podem estar à vista éxitos como estes: libertação da Birmânia e reabertura da famosa estrada da Birmânia para a China. Conjugada esta operação com a das Filipinas, pode admitir-se a próxima abertura da campanha do Sudo e da Indochina. Por isso, na Inglaterra, hoje, toda a gente festeja os feitos do 14.º Exército, o que opera na Birmânia, que pode vir a ganhar popularidade tão grande como teve o famoso 8.º, o que veio desde Alamein, chefiado então pelo general Montgomery...

J. R. S.

FRANÇA



A entrada de um carro da Divisão Leclerc, em Estrasburgo

Coisas de hoje... que parecem de ontem

A 30 de Outubro de 1943, um telegrama era expedido de Londres e que dizia assim: «Os «mosquitos» atacarão a prisão de Amiens, a fim de facilitar a evasão de cem franceses condenados à morte, por terem auxiliado os Aliados».

Uma formação aérea da R. A. F. recebeu a ordem de ataque, por uma noite fria e invernal, mas os «mosquitos» só a 18 de Fevereiro de 1944 puderam, por um meio-dia mais claro, realizar a delicada operação. Duas vagas de seis «mosquitos», cada uma das quais ia acompanhada dos respectivos «caças», executaram a estranha empresa — sem precedentes nesta guerra.

As muralhas de um metro de espessura e de seis metros de alto que cercam a prisão de Amiens, sobre a estrada Alberto, foram destruídas e os guardas alemães foram mortos na ala que no edifício ocupavam.

O bombardeamento foi tão preciso, a pontaria tão exacta, que a maioria dos detidos pôde sair ilesa do ataque aéreo... e da prisão.

Isto foi em 1944. Coisas de hoje — que já parecem de ontem!

O MUNDO EM MARCHA

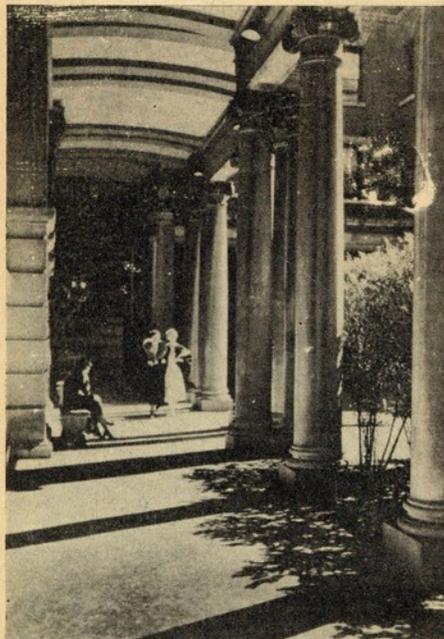
A 50.ª PROVINCIA

SEGUNDO comunicam da África do Sul, o partido das minorias nacionalistas do sudoeste africano pronunciou-se, num congresso, com unanimidade de vistas, a favor da sua entrada na União Sul-Africana. Idêntica resolução foi tomada pelo partido da «maioria unificada». A antiga colónia alemã, colocada, depois da Grande Guerra, sob o mandato da União Sul-Africana, vai, assim, constituir a 50.ª província da União. E, assim, também, mais de dois terços de colonos brancos passam a ser cidadãos da comunidade britânica — se, depois desta guerra, quem de direito ratificar esta resolução.

E PARIS QUE REGRESSA!

Paris vai regressar! Paris vai voltar a ter os seus pequenos trabalhadores de rua. Apareceu, há dias, um engraxador — e com que entusiasmo foi assinalada a sua chegada! — em Montmartre, os homens que vendem castanhas surgiram pela primeira vez, depois do colapso da França e, para breve, anunciaram-se os homens dos bolões vermelhos...

E Paris que regressa!



Os claustros, no Barnard College, são o lugar favorito das jovens académicas



São as próprias alunas quem desenha e constrói as clássicas quadrigas, bela evocação da Grécia eterna

A GRAÇA HELÉNICA NOS JOGOS AMERICANOS

NA paz, como na guerra, a antiga glória dos jogos gregos parece ter continuidade no festival anual do «Barnard College», em Nova-York. É certo que datam só de há 36 anos as tradicionais competições moldadas no espírito helénico. Todavia, as provas são uma fiel revivescência dos jogos clássicos, e delas pode orgulhar-se esta Faculdade feminina, da Universidade de Columbia. E, assim, não há Primavera em que as caloiras e as secundaristas se não apresentem em exhibições coreográficas, em canções e poesias e em corridas de quadrigas com as alunas trajando túnicas e fazendo de ginetes.

— A concepção e a realização de festas recreativas e desportivas — num conjunto encantador de poesia, música, dança, trajos e jogos atléticos — estão em grande parte ligadas ao trabalho das alunas durante o seu curso universitário — declarou, há tempos, a deã e notável educadora, Virginia C. Gildersleeve, que explica:

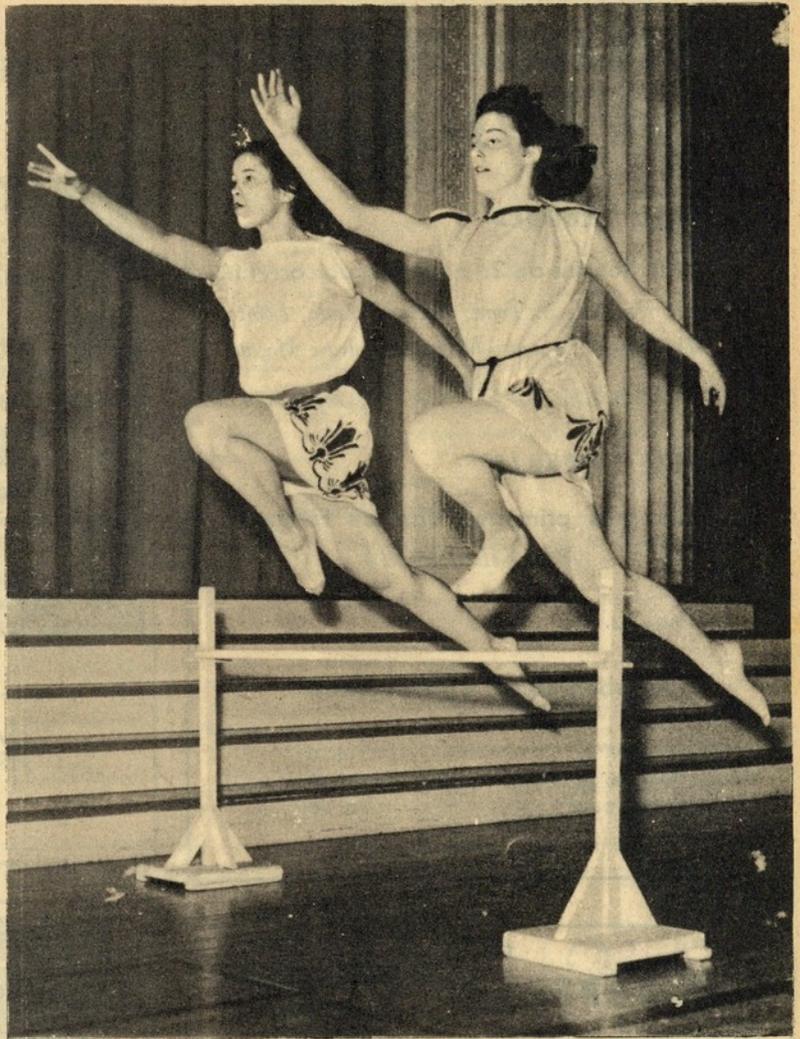
— Os concursos de dança e as provas atléticas culminam o trabalho das caloiras e das secundaristas nos seus cursos de cultura física; a poesia, os trajos e a arte musical estão estreitamente relacionados com os cursos de inglês, grego, latim e música. Além disso, os festivals reúnem estes elementos num todo indivisível. O atletismo tudo combina, num espírito de juventude, de entusiasmo e esforço para atingir o belo. É, aliás, um exemplo interessante do uso que modernamente se faz do desporto e da arte de representar na educação.

Assemelhando-se a muitas das festas da clássica Helade, estes festivais têm o carácter de competições. Ao menos, por uma tarde estes jogos transportam, espiritualmente, cerca de 400 raparigas para aquillo que parece dar-lhes a sensação do ambiente daquele brilhante e belo mundo da velha Hellas, onde a atmosfera era transparente e tranqüilla, puro e vigoroso o espírito da mocidade.

As festas de cada ano baseiam-se num mito grego — a história de Demétrio, a lenda de Apolo ou quaisquer outros motivos extraídos da sua rica fonte mitológica. As alunas desenham as suas vestes, compõem as suas canções e poemas, criam danças individuais ou em grupos e põem em cena as suas próprias dramatizações dos contos escolhidos como temas para os trabalhos para a festa do ano. O festival termina sempre por lançamento do disco, estafetas, corrida de obstáculos e de quadrigas, sendo cada classe premiada de acordo com o juízo de pessoas idóneas em cada ramo desportivo.

As melhores produções líricas até hoje escritas foram coligidas e publicadas num volume intitulado «To the Gods of Hellas», editado por Helen Erskine.

Os jogos gregos começaram a ser adoptados em 1903, pelo «Barnard College», em competições não oficiais, imitando os da antiga e resplandecente Grécia. De ano para ano, a festa foi-se desenvolvendo, à medida que as próprias alunas introduziam o espírito de competição em coros, danças e poesias. Hoje, tais festas constituem um acontecimento novo, comentado em todos os grandes jornais dos Estados Unidos, e constituem uma preciosa tradição dentro da Faculdade.



Vejam a elegância destas duas raparigas, ao galgar a barreira!



A discóbula, na atitude clássica e correcta



Na quadriga, as raparigas — materialização de força, beleza e juventude — substituem os ginetes

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PAQUETE "ANGOLA"

Saída nos fins da 2.^a quinzena do corrente
Para Funchal, S. Tomé, Zaire, Luanda, Lobito,
Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

PAQUETE "QUANZA"

Saída nos primeiros dias de Fevereiro
Para **FILADELFIA**

Recebem carga e passageiros

LISBOA

Rua do Comércio, 79 e 85
Tel. 2 3021 a 2 3026

PORTO

Rua Infante D. Henrique, 73
Tel. 1434



MEDICINAL
PASTA COUTO

TRATA
gingivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves



Teresa Gomes

(Continuação da pág. 4)

foi das operetas «Maçaroca» e «Moço de Campanillas»...
— Mas não foi aí que se lançou...
— Não, foi a limitar a Deolinda de Macedo que o público, verdadeiramente, deu por mim... Depois, fui agradando pouco a pouco...
— E contracenou com as figuras maiores da cena portuguesa?
— Então, não? Com o José Ricardo, com o Brasão, com a Ilda Stichini, com a D. Palmira Bastos!... Ah! como eu admiro esta senhora! Eu acho que é a primeira grande figura do nosso teatro. Que bem que ela ensaia, sem gritos, sem descomposturas... O que ela fez de Irene Isidro, na «Mamã bonita»... Sômos do tempo de «Grades floridas», «Sete mulheres»...
— Que papéis prefere? Os populares?
— O melhor, sempre, é «entremear».
— E o nível do teatro melhorou?
— Sob certos aspectos... Por exemplo, o pornográfico. A censura veio em defesa dos pobres artistas, que às vezes eram obrigados a dizer o que não deviam... sem a possibilidade de se meterem por um buraco abaixo... Mas, agora, até eu, que já me dão categoria, pois, então, posso dizer: não quero!
— Bom, mas hoje o nível do espectáculo subiu...
— Há quem pense que sim.
O Silva contraregra já andou por ali a bater palmas. E a vez de Teresa Gomes entrar em cena. A entrevista, portanto, termina aqui, com este inventário colhido à pressa:
— Fuma?
— Deus me livre!
— É guloso?
— De frutas!
— Foi ao Brasil?
— Sete vezes.
— Distracções preferidas?
— Servir o café ao marido, levantar-me cedo e tomar conta do governo da casa.
— Gosta de trabalhar com seu marido?
— Muito. Mas não nos imponho nos contratos. É quando calha.
E aqui subiu o pano para começar a revista e acabar a entrevista...

FUMADORES

Podem fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29—Pórt. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.^{da}, Rua dos Fanquetros, 135, 3.^o Dir.^o. Telefone 43582.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Por RAFAEL MARÇAL



ESTAS DORES
QUE IMOBILIZAM.

São rapidamente aliviadas
com fricções de

BAUME BENGUÉ

O analgésico de todos os
reumatismos e dores

Experimente, e nunca mais deixará de ter à mão este precioso remédio
Cada bisnaga — Esc. 15\$00 — em qualquer Farmácia
BAUME BENGUÉ
O INIMIGO DAS DORES



AOS ADMIRADORES E ENTUSIASTAS DA LITERATURA POLICIAL:

UMA GRANDE NOVIDADE

ACABA DE SAIR

A PORTA SECRETA

SENSACIONAL ROMANCE POLICIAL
DE OLIVER SHERIDAN

- O mistério mais denso
- A intriga mais espantosa
- Os episódios mais emocionantes
- O desfecho mais imprevisível

Este é o segundo volume da colecção Policial de «Vida Mundial Edifora»

Um volume magnificamente apresentado de cerca de 200 páginas Esc. 8\$00

1.^o volume da mesma colecção:

A ESFERA MISTERIOSA

DE MAX FELTON Esc. 8\$00

À venda em todas as livrarias — Pedidos directos:

VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{da} - R. DA EMENDA, 69, 2.^o - LISBOA

Natércia Pereira Leite (Lisboa) — Deram entrada no registo geral os seus dois novos problemas: «A Missiva Trágica» e «Durante o Week-End...». Ambos vão ser estudados. O 2.º Concurso Mensal iniciar-se-á com um problema da sua autoria: «A estranha morte de Fernando Leitria», como virá anunciado oportunamente.

«O Lobo Solitário» (Pórtio) — O meu caro amigo tem razão. Desde já a sua posição nos Quadros Gerais de Classificação da 1.ª série fica rectificadada, pois deve contar com 16 pontos e não com 15, como erradamente foi indicado. Nada tem a desculpar-se. Eu faço sempre justiça... quando há justiça a fazer!

Inspector Manardo (Setúbal) — Creio que não lhe brada o número de «Vida Mundial Ilustrada» imediatamente posterior à publicação do Problema n.º 25. Vinha aí uma nítida rectificação, no que respeitava a horas e posição da casa, aos erros tipográficos da primitiva enunciação do problema.

Alberto de Penamacor (Coimbra) —

Com que então sou eu «o Dig.»? Chefe do Clube dos Espertalhões? Creio que você é, na verdade, um grande espertalhão! Gostei da marca da sua carta. Revela originalidade e bom gosto.

Thaoula (Lisboa) — Já que resolvi entrar para o nosso grupo, desejo sinceramente que se dê bem com todos nós, e com os nossos problemas. Isto é rapaziada fixe! Arqueive a lista.

«All-round Detectives» (Mafrá) — Magnífico! Orgulho-me que todos me considerem um «tipo limpo», como tu observas nos teus graciosos comentários. A tua opinião, resumida, é claro, salta no número passado. Estou de acordo, em parte, com os teus comentários ligeiros acerca dos depoimentos dos outros.

Mimi Sherlock Holmes (Lisboa) — Sim, querida colega, a sua ideia foi aceite... e posta em prática. «O Sistema Particular de Apostas» iniciou-se a partir do último número. E boa sorte!

REPÓRTER MISTÉRIO

INQUÉRITO AOS LEITORES

As primeiras respostas enviadas pelos leitores acerca das preferências por autores e romances policiais que desejaríamos ver como prémios nos vários «Concursos Mensais» dão os seguintes resultados:

a) AUTORES:

Edgar Wallace, com 20 votos; S. S. Van Dyne, com 17 votos; Agatha Christie, com 12 votos; John S. Falk, com 8 votos; Conan Doyle, Philips Oppenheim, Albert Bonneau, Sax Rohmer, James Strong e Harry Stephen Keeler, com 5 votos cada; Maxwell Grant, S. André Steeman, Edgar Poe, David Hume e Louis Wilson, com 1 voto cada.

b) ROMANCES:

Os volumes da série «Charlie-Chans» com 5 votos; «O caso Gardens», de S. S. Van Dyne, e «Noites de Sing-Sing», de H. S. Keeler, com 4 votos cada; «O caso Benson», de S. S. Van Dyne, com 3 votos; «O trem Azul», de Agatha Christie, os volumes da série «Salat» e exemplares da revista «Mistérios», com 2 votos cada. E cerca de vinte volumes de autores diferentes, com 1 voto cada.

Leitor: dê-nos a sua opinião para que este inquérito se complete e lhe seja útil. Qual é o seu autor preferido? Quais os romances policiais que mais gostaria de ganhar?

RESPOSTAS

1.º Concurso mensal — Problema n.º 1

1.º — Só Aleixo Cardos, o médico, fez declarações falsas. Por que tentou iludir a polícia quanto àquilo que tinha feito.

2.º — Foi Aleixo Cardos. Nas suas declarações, feitas antes do chefe Correia revelar a morte de Lucianita, ele disse «que só ao regressar ao «dancing», soubera do crime». E apenas o criminoso poderia falar dum «crime», até então ignorado...

3.º — Elvira encontrou Lucianita morta no camarim. Está livre de todas as suspeitas, como no próprio problema se diz.

4.º — Aleixo Cardos, louco de ciúmes, pensara envenenar Lucianita. Arranjara, pois, um veneno forte para lhe misturar em qualquer bebida. Mas as coisas precipitaram-se. Ele viu Arnaldo sair do camarim contente e alegre. Imaginou o pior. Então, correu ao camarim, teve uma discussão violenta com Lucianita e, por fim, num gesto desesperado, obrigou-a, à força, a beber o veneno pelo próprio frasco, macerando-lhe assim os lábios, quasi ao ponto de os arranharem.

Depois, abriu a janela das trazeiras, fugiu pela escada de serviço e foi fazer umas certas compras.

Tudo estava bem preparado, portanto. Simplesmente ele esqueceu-se de que só o criminoso poderia saber que houvera um crime na altura em que foi interrogado pelo chefe Correia.

R. P. (Lisboa)

Sistema de apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

CONFORME noticiámos no último número, iniciou-se já, nas condições indicadas, o Sistema de Apostas para o 1.º Concurso Mensal de «Mistério e Aventura».

Basta recortar o cupão, preenchê-lo e enviá-lo ao Repórter Mistério. Para que possa concorrer desde já não só à modalidade «Solucionistas» mas também a «Produtores», apresentamos os quatro problemas do 1.º Concurso:

Problema n.º 1 — Houve um crime no «Dancing», por R. P.

Problema n.º 2 — O roubo das jóias, por «O Lobo Solitário».

Problema n.º 3 — Envenenado!, por Leiria Dias.

Problema n.º 4 — O crime do jogador, por Artur Varatojo.

TRIBUNA DO LEITOR

(Arquivo de opiniões, alvites, comentários, etc.)

A OPINIÃO DE RAPSAG

ALBERTO DE PENAMACOR DEPOE

«Esta secção, da qual sou um acérrimo adepto, além de recreativa é um alto valor educativo, tendo ainda por si a vantagem de aliar o útil ao agradável: útil porque tem o dom de desenvolver o sentido de observação e perspicácia, tendo ainda o predicado de ser uma óptima e salutar ginástica mental; agradável, porque nos liberta por alguns momentos da monotonia da vida quotidiana, que por vezes é bem difícil de vencer».

a) A página «Mistério e Aventura» integrou-se perfeitamente na «Vida Mundial Ilustrada», dando-lhe um novo motivo de interesse e de emoção.

b) Considero a ideia dos Concursos Mensais muito feliz, porque põe à prova a imaginação e as qualidades de lógica e dedução dos leitores.

c) Quanto à orientação dos Concursos Mensais... acho que já está tudo dito!

Sistema original de Apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

Indico o nome (ou pseudónimo) do meu favorito em cada uma das séries

A) Produtor

B) Solucionista

Apostando nêles, respectivamente, os seguintes livros

A)

B)

O concorrente

Nome completo do concorrente

Morada

NOTA — Estes cupões podem ser enviadas até ao dia 24 de Janeiro de 1945, inclusivé num simples postal ou numa carta a «Sistema de Apostas N.º 1 — Repórter Mistério — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 2.º. De preferência, os livros devem acompanhar o envio do cupão.

1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

PROBLEMA N.º 2

O ROUBO DAS JOIAS

Original de «O Lobo Solitário» — Porto

DEPOIS de ter examinado o cofre e o escritório da residência de D. Alvares de Menezes, donde tinham desaparecido as jóias da família, avaliadas em mais de dois mil contos, cujo herdeiro era o único sobrinho Gabriel — o Inspector Marques fez um ligeiro apontamento da sala e da saleta contigua.

De seguida, informou-se melhor acerca do que acontecera. Interrogou os dois criados da casa, Francisco e Daniel.

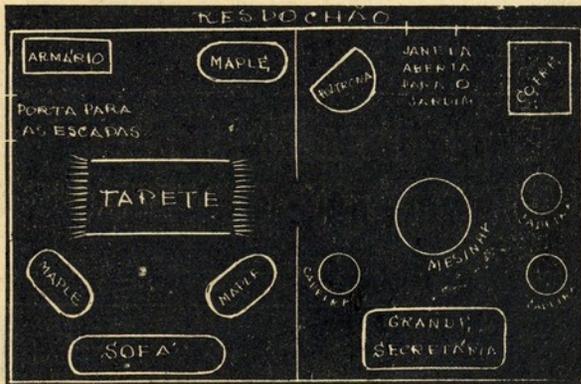
Francisco, o mais velho, disse logo: — Sim, senhor, o sobrinho de D. Alvares chegou cá há dois dias e partiu inesperadamente esta madrugada. Do resto não sei. Dormi toda a noite.

Daniel, porém, que se deitara mais tarde, apresentou outros pormenores.

Antes de subir, ouvi uma grande discussão entre o sr. D. Alvares e o sobrinho. Falavam em voz alta e irada, e por isso ouvi tudo o que disseram. O senhor Gabriel queria que o tio lhe emprestasse umas dezenas de contos. O sr. D. Alvares recusou. Então, o senhor Gabriel acusou-o de... uns certos negócios ilegais e pediu para ver as jóias. Depois, daí a bocado, apagou-se a luz eléctrica e não houve luz até de manhã. Assim, não chegaram a abrir o cofre! E, cada um se retirou para o seu quarto.

Por sua vez, D. Alvares de Menezes declarou solenemente:

— É tudo verdade, o que os meus criados disseram... Apenas devo juntar que perto das cinco horas da manhã acordei com o toque duma campainha eléctrica ligada ao cofre e situada de propósito no meu quarto. Levantei-me e, pé ante pé, dirigi-me para o escritório, não utilizando luz alguma, pois não queria dar nas vistas. As apalpadelas verificadas que o cofre estava aberto. Não fora arrombado, estava as letras do segredo estavam absolutamente certas... E meu sobrinho conhecia esse



cofre. Constatei também que corria um ar frio na sala. Vinha da janela, aberta de par em par. A noite estava muito escura. Corri logo a procurar o meu sobrinho. Não o encontrei. Partira... inesperadamente! De maneira que...

O Inspector Marques interrompeu-o: — Os criados são de confiança? — D. Alvares de Menezes encolheu os ombros.

— São!... Mas... dois mil contos podem tentar um santo...

Nessa mesma tarde, Gabriel, o sobrinho de D. Alvares, foi capturado. Apresentou logo um alibi, jurando a sua inocência. Como o tio não lhe tivesse emprestado o dinheiro, partiria no combóio das cinco menos dez a fim de se poder despedir ainda dum amigo que saíra de Lisboa, às onze, a bordo do «Quanzas».

Depois de reflectir, o Inspector Marques encontrou a solução e procedeu imediatamente.

QUESTIONARIO

1.º — Quem foi acusado pelo inspector?

2.º — Qual a prova principal de acusação?

3.º — Houve cúmplices no roubo das jóias? Quem? Porquê?

4.º — Qual deve ter sido o raciocínio do inspector?

NOTAS — Cada resposta vale de 1 a 5 pontos. As soluções de Lisboa devem ser entregues até ao dia 24. As soluções da Província têm mais um dia para entrega.

(Ser solução no próximo número).

NOS BASTIDORES DO CINEMA NACIONAL

(Continuação da pág. 5)

No dia 2 de Janeiro, e ainda no mesmo jornal, César de Sá continua as suas queixas: «Os produtores nacionais lutam cada vez mais com a tremenda dificuldade de apresentar as suas películas nas salas das grandes cidades». E conclui: «Já não se trata do meu filme! Já não é ele que está em causa, mas sim todo o cinema português!».

No dia 6, é outra vez a notícia publicitária que nos informa: «Amanhã, domingo, em «matinée» e «soirée», serão os últimos espectáculos (em Alhandra), para que seja possível iniciar a tiragem em série das cópias definitivas. Segundo nos dizem, a meticulosidade desse trabalho exige um ou dois meses, tempo esse durante o qual o filme não será exibido em qualquer cinema do país». A gente lê isto — e pasma!

Mas há mais: Queixa-se César de Sá de que os produtores nacionais lutam com tremendas dificuldades para estreiar os seus filmes nas grandes cidades!

Mas «Inês de Castro» está anunciada para o São Luís e Coliseu do Porto. «A vizinha do lado», concluída depois de «Um Homem às Direitas», foi acabada vertiginosamente e no próprio dia em que a primeira cópia safu do laboratório — seguiu para o Coliseu, para ser estreada daí a vinte e quatro horas. «A Noiva do Brasil» está contratada para o São João e Águia de Ouro — e, em Lisboa, Santos Mendes recebeu propostas do Tivoli, do Condes e do Politeama. Parece, na realidade, que as coisas não estão tão fêlas como as pintam...

Porque motivo se passam estes factos — em contraste com as dificuldades que se antepõem a «Um Homem às Direitas»? Não nos compete averiguar, mas alguma coisa estamos certos: não é por qualquer má vontade contra o produtor, o realizador, o cinema português ou o próprio filme, que nos dizem ser magnífico sob todos os aspectos. E temos que concluir que a entidade que o distribui foi menos providente no que se refere aos contratos de estreia, que os deixou para o fim, que não cuidou a tempo e horas — a colocação do filme, talvez até pelo facto dos trabalhos de produção haverem absorvido demasiadamente as atenções. Mas terão os cinemas culpas? Será lícito apontá-los aos olhos da multidão, como os responsáveis por uma situação, para a qual não contribuíram?

As dificuldades de estreia não são só, como se pretende insinuar, para os filmes nacionais. O mesmo acontece com a produção estrangeira. As firmas distribuidoras anunciam para a temporada presente cerca de 350 filmes. Para estreiar esse material, dispõem apenas de oito salas em Lisboa (e incluímos o Olímpia no número). Quere dizer: cada cinema deveria tomar 44 filmes, lote incompartível, se nos lembrarmos que o ano tem 52 semanas; que há salas que fecham durante os meses de verão; e que os filmes se mantêm, por muitas semanas, no cartaz.

Das películas estrangeiras anunciadas, cerca de 100 não serão exibidas por manifesta impossibilidade de estreia. Por outro lado, os cinemas, lutando com todas as dificuldades da guerra, contratam, hoje, mais do que habitualmente, para fazer face às demoras da recepção do material, problema comum a todas as firmas importadoras. No início da época,

estão praticamente «tapados». Ninguém ignora estas realidades — e os produtores de filmes nacionais ainda menos. De resto, sabiam que depois de um ano em que, por junto, se haviam estreado duas películas portuguesas, estavam quatro em vias de conclusão, para sair ao mesmo tempo. E que essas quatro películas nacionais iriam estabelecer, entre elas, uma concorrência de estreia, de que algumas forçosamente sairiam prejudicadas.

César de Sá fala verdade quando alude às dificuldades de estreia. Mas deveria acrescentar: «Sobretudo, para os filmes nacionais, que se pretendam contratar à última hora». Pelo próprio tempo que permanecem no cartaz, os filmes portugueses não se podem «encaixar» facilmente no meio de uma programação completa, que o cinema tomou o encargo de exhibir dentro de períodos estipulados nos contratos. E ninguém pode censurar os cinemas que hajam assumido, dessa forma, os seus compromissos, sem ter em mente as películas nacionais, porque os produtores, por seu turno, por motivos que só eles sabem e tanta vez de acordo com o que supõem ser os seus interesses, não deram garantias prévias de que as pretendiam exhibir nas salas onde, tardiamente, foram depois bater à porta. Isto aconteceu e continua a acontecer com filmes iniciados há mais de seis meses.

* * *

Non pretendemos, com este arrazoado, defender os exhibidores contra os produtores. «A culpa acaba por não ser de ninguém», como disse Fernando Garcia, no seu sensato e brilhante artigo no «Diário da Manhã». Mas não nos resignamos ante o espectáculo da deturpação dos factos. E no dia em que nos convençessemos de que o filme português para entrar nos cinemas teria que se apoiar na alínea e no artigo de determinado decreto — perderíamos as nossas mais belas ilusões. O cinema nacional não pode ser reduzido à condição de imposto do Estado...

Mas pergunta-se: será legítimo todo este clamor? Se voltarmos os olhos para o passado, vemos que mais de noventa por cento dos filmes portugueses foram estreados no São Luís, no Tivoli e no Eden. Verificamos até que os de menor categoria tiveram, naquelas salas, apresentação carinhosa, em espectáculo de gala! Nunca nenhum filme deixou de ser apresentado, com as honras e proveitos inerentes à sua linhagem, e a maior parte das vezes, em noite por cento dos casos também, foram os cinemas que esperaram pelas fitas — e não estas por aqueles.

Será lícito atribuir às dificuldades de momento outro significado, ou outras origens, que não sejam as apontadas? E valerá a pena esgrimir com essas dificuldades, para tirar conclusões e fundamentar, em premissas erradas, a necessidade de uma regulamentação e protecção que se impõe urgentemente? E não é precisamente essa necessidade; tão grande o significado do cinema nacional, no património espiritual da nação — que nos parece absolutamente dispensável reduzir os problemas da regulamentação e protecção do cinema português, às vicissitudes e dificuldades da estreia de um filme, que o seu distribuidor não quis ou não soube pôr a coberto das surpresas e contingências da última hora.

UMA MEIA MEIA FEITA
OUTRA MEIA POR FAZER
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA
MUITO TERÁ QUE COSER.

Meia de Vidro

RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

Declaração

A casa de peles «MANOLITA» cujos modelos de casacos de «VISON» e «ASTRAKAN PERSA» passam em Lisboa por ser importados confeccionados, de Nova-York, DECLARAM PEREMPTORIAMENTE QUE ESTES SÃO TOTALMENTE EXECUTADOS NOS SEUS «ATELIERS» POR PESSOAL TÉCNICO ESPECIALIZADO NA CONFECÇÃO E SELECÇÃO DE PELES.

Não anunciou nem anuncia passagens de modelos, mas todos os dias se encontram em exposição nos seus salões.

«MANOLITA» está à disposição de V. Ex.^{aa} para vos dar gratuitamente todos os conselhos técnicos para a transformação das vossas peles.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160 — Telef. 40961

O Elixir do Padre Gaucher

(Continuação da pág. 24)

— Foi o elixir, foi o elixir, que me surpreendeu!... — dizia ele, batendo com a mão no peito.

E só de o ver tão aflito, o prior sentia-se comovido:

— Vamos, vamos, tudo passará, como uma nuvem de verão. Em primeiro lugar, o escândalo não foi tão grande como podes supor. É certo que a canção não é lá muito... Mas, enfim, é de supor que os noviços não tenham dado conta. Enfim, diz-me lá como as coisas se passaram... Foi durante as experiências, não é verdade? Naturalmente tiveste a mão muito pesada... Compreendo, compreendo... foi como o irmão Schwartz, o inventor da pólvora... E, diz-me, meu grande amigo, é necessário que o experimentes em ti próprio, esse terrível elixir?

— Infelizmente... A profeta dá-me o grau e a força do álcool mas, para o fim, só me fio na minha língua...

— Ah! bom, bom... Mas, diz-me ainda, quando provas o elixir por necessidade, gostas dele?... — Infelizmente... — disse o padre fazendo-se corado. — Há dois dias, trouxe um ramo de ervas aromáticas que só pelo diabo me veio parar às mãos... Mas resolvi daqui em diante, servir-me só da profeta... Tanto pior, se o licor não ficar tão fino, se não fizer pérola...

— É preciso cuidado — interrompeu o prior com vivacidade — é preciso não desagradar a clientela. De quantas gotas precisas, para a prova? Quinze? Vinte? Será preciso que o diabo seja bem fino, para que tome conta da tua razão. De resto, para evitar acidentes, ficas dispensado de comparecer na igreja. De oravante, passas a fazer as orações de noite na destilaria. E, agora, vai em paz, vai e, sobretudo, não te enganes na contagem das gotas...

— Oh! mas o pobre reverendo bem queria. Porém, o demónio, tomara conta dele — e a destilaria passou a fazer as orações por sua conta.

De dia, tudo ia bem: preparava os alambiques e os ingredientes, tudo com muito cuidado e tino. Mas, à noite, quando o elixir, já pronto, repousava nas grandes bacias de cobre, o martelo de ferro começava... — E, às vezes, quando o azanove vinte... As gotas caíam, o frasco engulava-se de um trago — mas quasi lhe não sabiam. Era a vinte e uma gota que ele desejava. Oh! essa gota vinte e uma! Então, para fugir à tentação, ia ajoelhar-se ao fundo do laboratório, a orar, a orar...

Mas do licor, de um novo licor doado, subia ainda um fumeiro de vapor. O pobre padre sentia aliciações. Parecia-lhe ver os olhos da tia Bégon...

— Mais uma gota!

E de gota a gota, o pobre acabava por não poder receber mais. Caía, então, pesadamente, num grande fauceil e, de corpo abandonado, pálpabras semi-cerradas, segregava, com um remorso delicioso:

— Ah! não me perdoo!... — E, o mais estranho, é que a memória vinham-lhe todas as felas canções da tia Bégon e, entre todas a do *catrapus, catrapus*.

* * *

Entretanto, as encomendas choviam como uma bênção. Pouco a pouco, o convento adquiria um ar de fábrica: havia os frades das embalgens, das etiquetas, da expedição. O serviço de Deus perdia às vezes nisto ou naquilo mas a pobre gente da região não perdia nada, eu vo-lo juro...

Até que um dia de fim do ano, em que no Capítulo o padre tesoureiro fazia as suas contas e os cônegos o ouviam, de olhar brilhante, o bom irmão Gaucher se precipitou gritando:

— Acabou-se! Acabou-se, não quero mais, deem-me as minhas vacas.

— Mas o que se passa? — perguntou o prior.

— O que se passa? Passa-se que estou a caminho do inferno... e que bebo, que bebo como um miserável!

— Mas eu tinha-te dito que contasses as gotas...

— Isso, contar as gotas!

E voltando-se para os irmãos na Ordem:

— Bem vêem, isto não pode continuar!

O Capítulo ergueu-se e o tesoureiro gritou:

— Mas, desgraçado, queres arruinar-nos?

— Preferis que me perca?

O prior ergueu-se:

— Há uma forma de tudo remediar... E à tarde que o demónio te tenta?

— Regularmente, todas as tardes...

— Pois bem, de hoje em diante, às orações, recitaremos em tua intenção a oração a Santo Agostinho...

— É a absolvição, durante o pecado!

— Está bem, senhor prior, obrigado.

E, sem demora, regressou aos alambiques, tão leve como uma cotovia.

Efectivamente, depois das devoções, o oficiante não se esquecia de fazer todas as tardes, daí em diante:

— Oremos pelo nosso pobre padre Gaucher, que sacrifica a sua alma aos interesses da comunidade...

— Oremos Domine...

O inverno chegou com o seu cortejo de frio. Ainda é tempo — se nos apressarmos — de o receber condignamente. Para isso, preparemos o nosso vestuário, consoante, é claro, os meios monetários de cada uma de nós. Ora vejamos:

Os casacos dêste ano satisfazem, felizmente, tôdas as bôlsas, pois tanto se usam de peles como de boa fazenda. Aquêles, mais amplos, quero dizer, menos cingidos ao corpo. Estes, pelo contrário, aparecem, numa maneira geral, apertados na cintura por cintos de pele ou da própria fazenda.

Devemos também notar que voltam a aparecer os cintos largos, apertando sem exagero, mas delineando bem a anca.

Quanto à côr, não há, felizmente, uma que pretenda reinar sôbre as outras. Digo felizmente, porquê de contrário, êsse tom ficaria tão visto que no ano seguinte já não se poderia olhar para êle. Veste-se, contudo, muito êste ano, o castanho, o verde, o «grenat» e, sobretudo, o preto.

Os vestidos aparecem bordados a missanga, lantejoulas, ou simplesmente a linha brilhante. Usa-se também bastante o enfeite a franja no mesmo tom do vestido, principalmente quando se trata de vestidos escuros.

Os chapéus, satisfazendo mais um capricho da moda, ou são de veludo negro ou de feltros bastante claros, tais como o verde alface, o cinzento aberto, o rosa e ainda algumas vezes o azul. Contudo, vêem-se, como sempre, chapéus de tôdas as côres.

Quanto aos sapatos, querendo formar «toilette», deve-se começar a escolher apenas saltos sem cunha. Os feitos dêles, serão conforme o gôsto de cada uma de nós, e a côr aquela que melhor disser com a que preferimos para «toilettes» de inverno.

Eis, queridas leitoras, uma indicação rápida sôbre a moda nos meses mais frios. Uma indicação que servirá, principalmente, para aquelas cujas «toilettes» ainda não foram compradas.

MARIA LIA



OS NOSSOS MODELOS

Outro casaco, gênero prático, em lâ forte castanha com riscas brancas. O casaco é apertado na cintura por um cinto da mesma fazenda e enfeitado com uma gola de castor. Do mesmo tecido de riscas é o saco-carteira que o modelo apresenta, muito simples e muito prático também.

*

Uma criação de Edith Head, desenhada especialmente para Bárbara Stanwyck. Este casaco de veludo negro é cingido na cintura por um cinto alto e enfeitado com gola e bandas de pele branca.



ARTE APLICADA

Interessante recipiente de papéis ou trapos para casa de costura ou escritório de senhora, feito em fazenda ou sêda, com aplicações de feltro. Desenho ampliado e mais explicações de execução 6\$50, acrescidos de 1\$00 para despesas de correio.

Todos os pedidos devem ser feitos para Página Feminina de «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª, acompanhados da importância em sêlos de correio.

RESPONDENDO ÀS LEITORAS

MI-FÁ — Recebi mais outra cartinha que muito agradeço. Cedo terá mais notícias minhas. Até breve.

BU — Para a sua pele recomendo-lhe, em primeiro lugar, um médico que lhe observe o sangue, o fígado e os intestinos. Em segundo lugar, um cuidado especial na alimentação, desprezando gorduras e picantes. E, por último, um bom sabonete — por exemplo *Lavicura* — um bom creme não oleoso e uma passagem rápida, dia sim, dia não, com um algodãozinho embebido em alcool, depois da lavagem e antes da aplicação do creme.

INHA — Na realidade, quanto mais escuro fôr o cabelo, melhor lhe dirá com o tom da pele. Para o efeito que deseja, existem diversos medicamentos, uns mais caros do que outros, mas de resultados semelhantes. Contudo, se não quer gastar dinheiro, experimente fazer uma pomadita com tutano sem sal, vaselina, óleo de Castor e água de colônia. Use durante um tempo a mistura resultante, como brilhantina; dará vigor à raiz e engrossará o cabelo. Para o tornar um pouco mais escuro, passe o cabelo de vez em quando com água de folha de nogueira e eucalipto, depois da cabeça bem lavada. Para conseguir esta água, basta ferver durante dez minutos algumas folhas de eucalipto e de nogueira.

A RECEITA da semana

BOLO REAL

Como ainda estamos dentro da quadra do Natal, quero apresentar-lhes a receita de um excelente bólo.

Ingredientes:

Farinha: 200 gramas; gordura: 100 gramas; açúcar: 100 gramas; fruta: 400 gramas; bicarbonato de sódio: 1/4 de colher de chá; noz moscada: 1 colher de chá; canela: 1 colher de chá; mel: 1 colher de sobremesa; ovos: 4 a 6; baunilha: 1 colher de chá.

A baunilha em pó deve ser desfeita num decilitro de água.

Preparação:

Arranjar e preparar a fruta, usando de tôda a que tiver disponível de momento.

Bater a gordura e o açúcar de maneira a formar um creme. Bater os ovos e misturá-los com o mesmo creme, adicionando depois metade da água e mexer tudo muito bem. Depois de tudo bem batido junta-se-lhe o mel. Continua-se a mexer deitando gradualmente metade da quantidade da farinha, em seguida misturar o restante da farinha com a fruta que estiver preparada e adicioná-la pouco a pouco com o resto da água misturada com a baunilha.

Depois de tudo preparado deitar tôda a mistura numa fôrma bem untada. Levá-lo a cozer a forno moderado até ficar ligeiramente acastanhado. Logo que o bólo adquirir a côr desejada reduz-se o calor do forno. Para que o bólo fique cozido, bastarão duas horas, caso a fôrma tenha aproximadamente 17 centímetros de diâmetro.

Experimentar um bólo com um palito antes de o remover da fôrma e quando se verificar que já está cozido, não se lhe deve mexer durante algum tempo.

Nota: Quando se deitar a mistura na fôrma, esta ficará parcialmente côncava no centro; assim, quando o bólo estiver cozido, o tópo ficará um pouco mais alto do que nos lados.

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

*Móveis
Decorações*

VM

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR

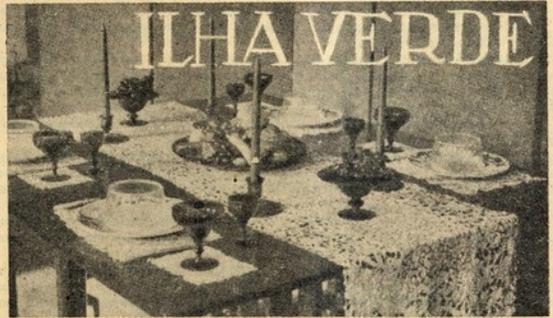


PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

**ARMAZENS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L. DA**

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 28551

CASA
REGIONAL

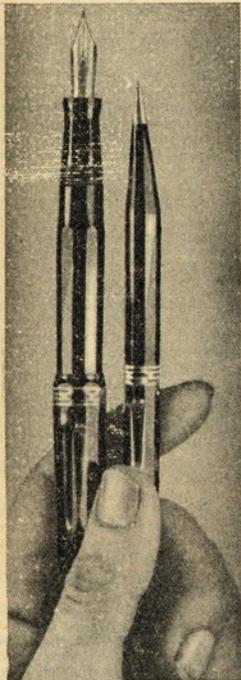


ILHA VERDE
AS MAIS LINDAS COLEÇÕES DE BORDADOS
EM LINHO, ORGANDI E TULE
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL. 25974

PEÇA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
"HORUS" TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LÁPIS E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L. DA
FABRICA: TRAV. DAS ÁGUAS VIVAS, 11
TEL. 2808 28-2807
RUA FABRICA DA POLYORA, 22-B
TELEFONO 21-2851
LISBOA



CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

Conserta-se com garantia absoluta

CHACO, L. DA

R. da Palma, 271 - Telef.: 28656



*D*ecore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS
BOAS CASAS

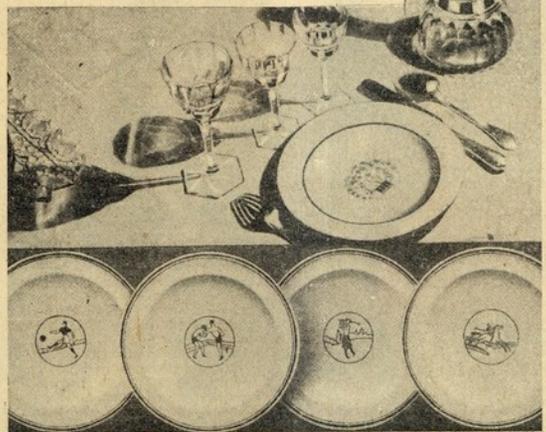
**Fabricante
C. MILLER**

6, R. EDUARDO GOELHO, 8
LISBOA TELEF. 2 8313

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9

PR. RESTAURADORES, 49-57 - » 2 4948

AV. DA REPUBLICA, 57 - » 4 1189

RUA DA GRAÇA, 82-84 - » 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

Áquelas que vão ser mães • Raios X gigante

POR intermédio do sangue, enquanto esperam o nascimento dos filhos, ou por meio do leite do seio, enquanto os amamentam, as mães devem transmitir às crianças tôdas as vitaminas necessárias.

Se os bebês são alimentados artificialmente, convém introduzir alimentos vitaminados.

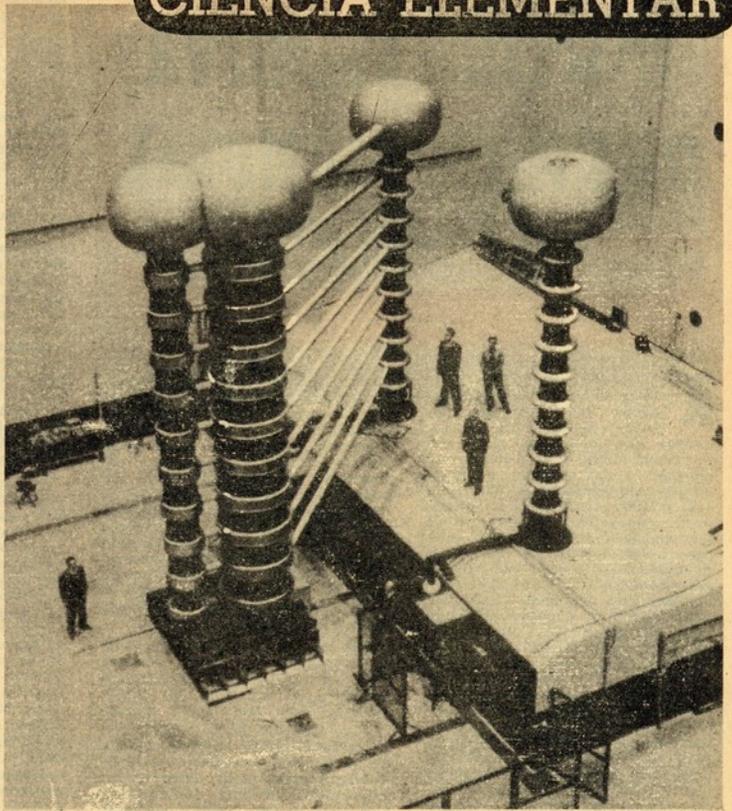
A *vitamina A* existe na manteiga crua, na gema do ovo, na cenoura, no óleo de fígado de bacalhau.

A *vitamina B* é fornecida pelo tomate cru e pela levedura de cerveja.

A *vitamina C* existe nas frutas cruas, principalmente nos limões, mel, bananas, laranja. Os limões e as laranjas devem ser espremidos e o sumo açucarado. As bananas serão esmagadas e adicionado-se-lhe-á mel.

A *vitamina D* está contida no óleo de fígado de bacalhau e na ergosterina irradiada.

É tudo grande nos Estados Unidos. Aqui se vê um gigantesco aparelho produtor de Raios-X, com uma potência extraordinária. É empregado em delicadas e complexas investigações de Física. Quando os homens procuram sondar os mistérios da Natureza, que riquezas inesgotáveis não tiram êles da sua inteligência! Aparelhos como a foto mostra são uma consequência não só do desenvolvimento da ciência pura, como da indústria, que é ciência aplicada. Muitos problemas de ciência pura só puderam ser abordados ou resolvidos quando o desenvolvimento da indústria permitiu a construção de certos aparelhos ou forneceu preciosos dados experimentais. Dai a necessidade duma consciente ligação entre a investigação científica e a indústria; ambas terão a lucrar, e, com elas, toda a humanidade.



Os peixes também adoecem

Os peixes têm também o sua patologia; há até micróbios que tanto atacam homens como peixes. A vida industrial moderna, tal como originou para os homens um acréscimo de males, assim trouxe para os peixes doenças especiais. A maior parte das fábricas lançam nos rios, nos lagos, e no mar, os seus detritos, constituídos muitas vezes por substâncias altamente prejudiciais à vida nas águas. A foto mostra investigadores alemães, do Instituto do Reich para as Pescarias, estudando atentamente as guelras de peixes. Uge impedir que o mal alastre, devido à acção de bactérias ou da drenagem das indústrias. Há no Instituto para as Pescarias laboratórios completos e serviços de vacinação.



A alimentação do futuro

OS partidários de um mundo saudável material e espiritualmente proclamam que muitas coisas já existentes podem contribuir para a fundação de uma sociedade melhor. Os planos para o futuro assentam em sólidas realidades que esperam somente que a paz traga o necessário ambiente político-social, olhando o povo como um fim e não como um simples meio.

A criação de um bem-estar físico geral com base numa boa alimentação é dos problemas mais importantes de um Mundo Novo. Comer bem preserva o organismo das doenças e dá as energias necessárias para que se possa usufruir plenamente a alegria de viver.

Ao contrário do que previra o pessimista inglês Malthus, o crescimento da população da terra tem sido acompanhado também, e em ritmo acelerado, da criação de meios para a alimentar. Desde há talvez mais de meio século, torna-se injustificável a existência do fenómeno «fome». De facto, a fome é, agora, apenas um fenómeno económico-social, que desaparecerá uma vez extermiinados os obstáculos a uma racional produção e distribuição dos alimentos.

Sabe-se que em 1934, quando nenhuma guerra militar de grande envergadura assolava o mundo, morreram de fome 2.400.000 pessoas. No entanto, nesse mesmo ano, devido à enorme baixa de preços e à falta de mercados compensadores, foram destruídos, propositadamente, mais de 1 milhão de vagões de trigo, 267.000 vagões de café, milhares de toneladas de açúcar, 26.000.000 de quilos de arroz, 25.000.000 quilos de carne, já sem falar nos milhões de litros de leite lançados aos esgotos, nos milhares de toneladas de batatas e frutos lançados ao mar ou aos rios, etc., etc.

Nesta geração, a produção de alimentos tem aumentado de uma forma fantástica. Por exemplo: a produção de milho, de 1939 a 1943 foi de 23 % maior que a média do período de guerra de 1914-18; a produção de algodão, 40 % maior; a do trigo, 14 % maior; a das batatas, 35 %; cada galinha, graças a novos métodos, está produzindo mais 25 ovos; as vacas têm fornecido maior quantidade de leite.

A terra é melhor lavrada; o uso de adubos aperfeiçoado e enriquecido; a racionalização de cruzamentos e da alimentação de animais progrediu muito, tal como progrediu a selecção das sementes. A acção conjugada da engenharia, da química, da biologia, da meteorologia, etc., deu os seus maravilhosos frutos.

Mercê da moderna técnica, sobretudo na América do Norte, 50 quilos de ovos, reduzidos por pulverização a 11 quilos, podem ser comprimidos num bloco de meio pé cúbico. O leite é enlatado depois do processo de evaporação, com economia de 50 % no peso e mais ou menos 25 % em volume; se o leite for pulverizado, haverá uma economia de 90 % no espaço e no peso. Cinquenta quilos de carne sem osso podem ser reduzidos a 15 quilos de carne desidratada. Cinquenta quilos de batatas podem ser reduzidos a 6 quilos e 250 gramas de batatas secas. E assim por diante, podendo todos os alimentos ser reconstituídos acrescentando-se apenas água. O sabor de fresco e o valor nutritivo em pouco ou nada ficam alterados, resolvendo-se, assim, problemas graves de transporte a distância para acudir à fome de todos os povos.

Antes, a refinação dos alimentos originava frequentemente a perda de muitos elementos nutritivos importantes. A tiamina, a ribilavina e o ferro, até aqui inexistentes no pão branco devido ao processo das moagens, voltaram a ser incluídos por combinações sintéticas. Por outro lado, 97 % de margarina produzida é valorizada com a vitamina A.

Muitos alimentos mal aproveitados ou ausentes da alimentação irão aumentar as disponibilidades alimentares. O soro que se obtém do resíduo do leite, depois que o queijo é feito, tem um valor nutritivo superior ao do próprio queijo. O fermento, abundantemente desperdiçado pela indústria da cerveja, é uma rica fonte de proteínas essenciais ao organismo humano. A soja, também grande fonte de proteínas, deve ser difundida e irá aumentar o valor nutritivo do pão e das pastelarias.

A aveia ainda verde pode ser secada e usada em sopas e outros pratos, como rico alimento contendo vitamina C. A goiaba, fruta tropical, riquíssima em vitamina C, pode difundir-se pelo mundo sob a forma de geleias, marmeladas, etc. A raiz do milho e do trigo até agora consumidas principalmente pelos animais, podem ingressar na alimentação humana depois de preparada.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

RELATAMOS em números anteriores alguns dos aspectos decisivos da intervenção da potência ocupante na vida holandesa. Essa intervenção fez-se sentir, como vimos, nos domínios da economia e das finanças, da organização administrativa e da actividade política, no ensino e na magistratura, na arte e na literatura. A sua tendência geral era a de equiparar a vida holandesa à vida alemã, subordinando-as a um sistema de regras idênticas e de fórmulas semelhantes. Para completar o exame desse aspecto da ocupação será ainda necessário referir mais alguns episódios de incontestável interesse e de indiscutível significação.

Uma das instituições tipicamente alemãs que as autoridades de ocupação procuraram adaptar à Holanda foi o «Serviço do povo». Esta tentativa de adaptação data de julho de 1941. O decreto do Comissário do Reich que determinou a criação do «Serviço do povo» na Holanda assinalava como sua principal preocupação «cuidar de todos os holandeses do ponto de vista do povo e do seu bem-estar. — O projecto era grandioso. Em todas as comunas de mais de dez mil habitantes deveria formar-se um grupo dividido em «bairros» e em «quarteirões». As primeiras tentativas para traduzir em factos estas aspirações depararam, porém, com uma viva resistência por parte da população local, resistência que finalmente acabou por fazer malograr o empreendimento.

Para facilitar a realização dos seus propósitos as autoridades de ocupação fizeram suprimir todas as instituições de assistência e beneficência da Holanda, algumas das quais datavam de séculos. Apesar disso os holandeses continuaram a manifestar uma relutância crescente em se filiarem no «Serviço do povo». A resistência tornou-se particularmente activa nas províncias do sul do país, onde predomina uma população de religião católica. Em carta dirigida aos sacerdotes da sua diocese, o bispo de Ruremondia dizia-lhes que havia sérios motivos para recear que «o Serviço do povo, em virtude da mentalidade dos seus dirigentes, pudesse ser utilizado como o fim de impôr aos fiéis uma ideologia que, em circunstância nenhuma, o povo holandês deveria aceitar ou sancionar». Esta iniciativa foi seguida dum movimento generalizado de protesto que se estendeu rapidamente à população do país e de maneira especial à parte dessa população que pratica a religião católica.

O SERVIÇO DO TRABALHO

Entre as instituições transplantadas do Reich para a Holanda durante o período da ocupação devem

mencionar-se ainda o «Jeuftstorm» (Organização pré-militar da juventude) e o «Arbeidsdienst» (Serviço de Trabalho). Já em artigo anterior nos referimos aos esforços feitos pelas autoridades de ocupação para darem uma organização à juventude holandesa semelhante àquela que o regime nacional-socialista instaurara no território do Reich. Esse esforço foi poderosamente secundado pelo partido «N. S. B.» que se encarregou de organizar as férias da juventude, os seus campos de treino, e outras modalidades de actividade dos rapazes holandeses.

Mas as famílias e a própria mocidade reagiram, desde a primeira hora, com uma energia significativa contra estas tentativas que nunca puderam, por isso colhêr grande êxito. A hostilidade da população e da mocidade neste capítulo aumentou muito quando as autoridades de ocupação dissolveram todas as organizações de «Scouts» existentes no país onde tinham largas e honrosas tradições.

O prolongamento desta organização pré-militar era o «Serviço do Trabalho» o qual tinha por missão principal agrupar os adolescentes e desenvolver as suas aptidões para os trabalhos manuais e para os exercícios de ar livre. A inscrição no «Serviço de Trabalho» bem como a prática dos exercícios que essa inscrição implicava eram facultativas, de começo. Entre esses exercícios figuravam o desbravamento de campos e florestas, a preparação dos terrenos para trabalhos de irrigação, etc. Mas o número de voluntários holandeses que tomava parte nêles era cada vez menor, o que levou as autoridades de ocupação a mudarem de método quanto ao recrutamento e à existência daquela organização.

Em 1942 foi decretado que todos os estudantes e candidatos a qualquer emprego deviam fazer um estágio obrigatório nos campos de trabalho instituídos na Holanda. Esta obrigação era, pouco tempo depois, tornada extensiva a todos os rapazes que tivessem completado dezito anos de idade, qualquer que fosse a sua situação. O tempo de serviço naquela organização era de cinco meses e meio. Os fillados, que usavam um uniforme especial, foram distribuídos por sessenta campos espalhados pelo território da Holanda.

A LEGIÃO NEERLANDESA

A divulgação do «Serviço do Trabalho» serviu para definir os pontos de vista das autoridades de ocupação e dos nacional-socialistas

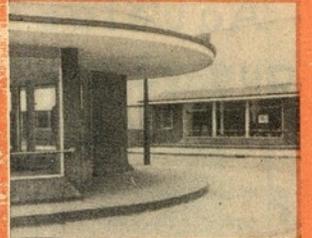
holandeses quanto ao verdadeiro carácter da nação holandesa e à sua função no quadro previsto da Nova Ordem Europeia. Falando, em fins de novembro de 1942, o chefe do «Serviço do Trabalho» do partido N. S. B., declarou, pela primeira vez, que este havia sido introduzido na Holanda por se tratar de um país germânico destinado a tornar-se uma parte integrante da futura comunidade de trabalho nacional-socialista. Algum tempo depois um jornal de Rotterdam tornava mais explícita esta definição, acrescentando-lhe os seguintes pormenores: «Quando um dia os estudantes holandeses (com excepção dos estudantes de teologia) terminarem os seus cursos, serão empregados na Alemanha consoante as suas especialidades». Assim tornou-se evidente, a partir de 1942, que o «Serviço de Trabalho» na Holanda era o prólogo de realizações políticas mais vastas que assentavam na convicção, predominante em muitos círculos dirigentes alemães, de que a Holanda é um país germânico que como tal devia ser tratado.

Sempre que as autoridades de ocupação se referiam aos privilégios que para a nação holandesa resultavam do facto de se considerar integrada na Nova Ordem, acrescentavam que esta circunstância precisava ter uma contra-partida e que essa contra-partida não podia deixar de se traduzir, no caso de isso se tornar necessário, por uma contribuição de sangue na luta para a construção da nova Europa. Quando o sentido da luta, em junho de 1941, se modificou, e o principal adversário do Reich no continente passou a ser a Rússia soviética, os dirigentes alemães consideraram que tinha chegado o momento de suscitar a participação da Holanda na cruzada anti-soviética de que tomaram a iniciativa.

Foi para dar execução prática a esta aspiração que se formou, em julho de 1941, um mês depois de iniciadas as hostilidades germano-russas, a «Legião neerlandesa». O comando da Legião foi confiado ao general Seyffardt. Este oficial-general do exército holandês era conhecido, mesmo antes da ocupação da Holanda, pelas suas tendências pró-nazis e o seu oferecimento para assumir o comando da Legião neerlandesa não provocou, por isso, qualquer surpresa.

Até essa altura os holandeses nunca haviam tomado parte em combates ao lado dos alemães. Estes tinham procedido ao recrutamento isolado de alguns centos de indivíduos para as forças de S. S. mas esse recrutamento não implicava, por parte da nação holandesa, quaisquer compromissos colectivos. O caso da formação da Legião Neerlandesa revestia características bastante diferentes e por isso deu origem a várias manifestações. Na legião foram incorporados todos os especialistas (guardas de S. S. e condutores de automóveis na sua maior parte) que já se encontravam enquadrados em formações regulares no Reich e organizaram-se novas formações exclusivamente constituídas por holandeses. Entre estas últimas contava-se uma brigada de propaganda na qual figuravam vários jornalistas holandeses que se ofereceram para acompanhar, como combatentes, as operações na frente leste.

Embora nunca tivessem gozado de grande popularidade na Holanda, a Legião viu celebrada solenemente a partida dos seus contingentes para os campos de batalha. O curso dos acontecimentos na frente leste não permitiu, porém, que o recrutamento se intensificasse e, a partir de certo momento, as famílias dos voluntários começaram a exercer uma influência apreciável para que se restringisse ao mínimo o número de alistamentos. Esta situação tornou-se mais crítica depois que, em fevereiro de 1943, o general Seyffardt foi morto a tiro em frente da sua residência por um grupo de desconhecidos que conseguiram evadir-se.



Roterdão não é só a velha e histórica cidade: tem também arrojados arruamentos como este, edifícios modernos como o do distrito de Kiefthoek



As tropas de libertação atravessam Breda, neste estado desolador de ruína e destruição, levada por ocupantes e invasores.



Eis um moderno bairro de Amsterdão, como Roterdão vitimo particular dos estragos da guerra. As casas são da mais moderna construção.



Os trajes holandeses são dos mais lindos da Europa. Este loiro pequeno, de socos e de bôina, no meio de um campo sereno não será uma imagem de um mundo futuro?



O «Princesa Irene», da Brigada Naval holandesa, estacionada na Inglaterra, defronte de um porto francês, aguardando a hora da invasão — em 1940.

(Continua)



Crónica de princípio de ano

TOIROS



Simão da Veiga toureando em Madrid na tarde do seu triunfo.

A entrada do novo ano fêz-nos pensar, com a antecipação própria do aficionado, na época tauromáquica que virá com o céu azul da Primavera próxima. Daí, surgirem meia dúzia de comentários que visando a temporada que impacientemente se aguarda, têm os seus alicerces na que findou, pelo que durante ela se fêz e se viu a fornecer indicações para uma visão das necessidades futuras.

A tourada portuguesa assenta em características pouco propícias a fornecer panoramas de interesse.

Adulterada na sua finalidade natural e no principal factor emocional — o perigo — a curiosidade e interesse públicos têm que ser hábilmente ludidos para que se mantenha o entusiasmo de novos e velhos aficionados. Esse ponto é que pretendemos focar, pois o consideramos de absoluta actualidade e até essencial para a manutenção da festa de toiros no nosso país.

Ninguém desconhece o valor de certas habilidades estabelecidas no sentido de ludir o aficionado, e entre elas, por ter sido a de melhores resultados, o uso generalizado de se correrem os toiros para a lide a pé por «espadas» com as hastes nuas, embora serradas para evitar percalços de maior — na verdade injustificáveis quando ao toureiro se furta o rudimentar direito de desquite. Essa falsificação é acompanhada de razões várias, mas, embora com pouca justificação, o público aceita-as, diverte-se e emociona-se, absolutamente convencido de que a falta de varas é a única razão de ser do disfarce, sem sequer se lembrar que se as varas houvesse, maiores teriam que ser, na sua maioria, os toiros lidados.

Seja porém o que for, a verdade é que tal recurso deu tão bom resultado que, bani-lo agora, seria afectar extraordinariamente o espectáculo. Devemos, portanto, reconhecer-lhe o mérito indiscutível, e longe de o atacar, aproveitamos o exemplo que fornece para procurar remediar, ou pelo menos atenuar, outros males, sem dúvida mais afastados ainda daquela verdade que é indispensável, tanto na corrida espanhola como na tourada portuguesa. Estão neste caso as inestéticas emboações de garraão, que fazem do toiro um animal esquisito e feio, e a pouco e pouco têm tirado interesse a uma modalidade de toureiro que já mereceu a aberta preferência da «afición».

Referimo-nos à lide equestre, a que a maioria do público vem ligando sempre menor importância, com grave risco para o prestígio da chamada arte de Marialva. A culpa é, a nosso ver, dos próprios cavaleiros que, salvo poucas excepções, rara é a tarde que não fornecem motivos de agravamento para tal estado de coisas. Insistindo num estilo de tourear incompreensivelmente tornado moda, entrando sistematicamente de caras e em linha recta com os inimigos, tornam tão frequentes os choques entre toiro e cavalo, sempre ou quasi sempre sem consequências, que o público não pode levar a sério o que carece de seriedade, numa modalidade em que os próprios cultores demonstram a cada passo não oferecer risco de considerar. Além disso, a frequência de toques e a demonstração cabal da pouca verdade da maneira em moda, apenas possível

com toiros que não podem causar dano porque lhes furtaram a defesa natural, única de que sabem servir-se, senão com inteligência, pelo menos com verdadeiro instinto de ferir.

Por tais motivos é que ao cabo de uma temporada particularmente animada, como foi a de 1944, numa visão retrospectiva do que se passou, chegaremos à desoladora conclusão de que os artistas nacionais contribuíram pouquíssimo para que a referida animação se verificasse.

O facto, não sendo de estranhar nos toureiros de pé, condenados a uma acção mais de utilidade que de relêvo espectacular, tem, no entanto, particular significado para os cavaleiros, que são, ainda, cabeça de cartaz. O exemplo de várias corridas a que assistimos, em que a lide equestre foi seguida quasi com enfado por grande parte dos espectadores, ansiosos pela colocação dos *borladeros* da lide à espanhola, deve ser encarado e considerado como um sério aviso, da maior importância. «Porque não estabelecer também, para a lide a cavalo, o uso das hastes limpas, embora com a cumplicidade do serrote e prejuizo da idade e peso dos toiros? Tornada mais séria o toureiro e aumentada a emoção da lide, não se conseguia restituir ao público a convicção de que para se ser cavaleiro também é necessária a valentia? Temos variadas razões para afirmar que a arte de Marialva voltaria ao seu antigo prestígio. Sem recuar demasiadamente para recordar os triunfos de Simão da Veiga e António Luís Lopes, lidando em praças portuguesas, em pontas e sem qualquer disfarce, toiros grandes e difíceis, basta que nos lembremos do exemplo que o primeiro deles fornece através de toda a carreira sábiamente conduzida. Toureando há cerca de vinte anos nas arenas espanholas, perante um público que vê o toureiro a cavalo como uma curiosidade, Simão tem conseguido, não só manter e porventura aumentar o interesse despertado de princípio, como até chamar sobre si as atenções e as melhores palmas em «carteles» de categoria, à custa de imprimir ao que faz feições sempre novas, que vão desde a oportuníssima resolução de tourear um só toiro em cada corrida, até se apea para estoquear a pé. Só assim, com risco e sacrifício próprios, se pode manter um *cartel* e um nome, acompanhando o tempo e as preferências do público. Comodamente, e sem perigo, é que nada se pode conseguir em matéria de toureiro.

De qualquer forma, há que arripiar caminho, que tornar mais interessante o toureiro a cavalo, o que, com um pouco de boa vontade, comunhão de pareceres e a mais rudimentar camaradagem, facilmente se conseguiria. Não está certo que se decaia, entre nós, uma arte que ainda tem cultores capazes de ir a Madrid enlouquecer de entusiasmo o público, trazendo consigo uma orelha gloriosa!

* * *

Apreciando o panorama tauromáquico, teremos, como figura principal português para a época vival, no toureiro a cavalo, Simão da Veiga, cujo final da temporada de 1944 é de molde a justificar o maior interesse voltar a vê-lo. Parecendo

que sobre si não passam os anos, visto mostrar-se sempre mais jovem, mais animoso e mais sedento de triunfos, Simão iniciará mais uma época na situação de «ás do baralho nacional».

João Nuncio, apresentando-se melhor montado, pode também oferecer grandes tardes, como algumas que teve na temporada transacta, de mistura com actuações «gris», em que chegou a parecer desinteressado.

Há ainda muito a esperar de António Luís Lopes, a avaliar pelo que fêz em 1944, com um toiro tão bem toureado em Algeis — e que lhe bastou para manter a sua excepcional categoria.

Casimiro e Alberto Lopes serão também vistos com agrado, possuidores de sangue jovem e animoso, e conscientes do nome que têm, com respeitáveis tradições na arte de picar toiros a cavalo.

Fernando Salgueiro trará consigo o interesse de se saber se manterá a melhoria verificada na segunda metade da época finda.

De D. Vasco Jardim esperar-se-á mais regularidade, e a Murteira Correia exigir-se-á um toureiro mais alegre.

Figura de interesse, será, seguramente, Rosa Rodrigues, cuja alternativa demonstrou quanto a arte de Marialva lucrrou com a sua entrada no profissionalismo.

No toureiro a pé, haverá a maior curiosidade em ver reunidos num *mano-a-mano*, os novilheiros Augusto Gomes e Diamantino Viseu, de estilos diferentes, mas animados ambos por

ardente espírito aficionado, o que os leva a trilhar um caminho que pode ser um exemplo.

Dos bandarilheiros, António Correia é, talvez, o que mais curiosidade despertará, pelos progressos que, de tarde para tarde, manifesta. Desejo de aperfeiçoamento, Correia vem-se impondo, cuidando da sua preparação física a par do estudo dos segredos da profissão que abraçou por «afición». E de crer que na próxima temporada mantenha e até melhore a destacada posição que conquistou à custa de valor.

Procópio continuará sendo o número um, o primeiro dos píes nacionais, pósto que mantém há anos.

Sebastião Saraiva trará consigo o interesse de se saber se a grave colidida que sofreu lhe terá tirado facilidades, já que «aficion» não há toiro que lhe roube.

Agostinho Coelho ainda escutará palmas quando aparecer, e com mais ou menos curiosidade serão também vistos com agrado Oliveira e Gonçalves (com sobejas qualidades para se colocarem melhor) Gorjão, C. Moreira, J. Rodrigues, Dias e Segarra, assim como Rogério Amado, um novo animado da melhor vontade.

Com «alternativas» em 1944, Júlio Glória continuará a impressionar pela correctíssima maneira de bandarilhar, e Manuel dos Santos chamará sobre si as atenções pelo seu bom estilo de toureiro que bem o pode conduzir por mais largos e proveitosos horizontes.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

CAPOTAZOS

BOAS-FESTAS

O novilheiro Augusto Gomes, para dar os cumprimentos de boas-festas, fêz imprimir interessantes cartões, dos quais recebemos um. Os nossos

agradecimentos com votos para que o calendário que o acompanha fique bem salpicado de tardes triunfais em Portugal e Espanha e ainda que sirva para os empresários portugueses o lembrarem, apressando-se a fixar datas para contratos... mas como novilheiro.

UMA EXCEPÇÃO

Referia um jornal o facto de «Cagancho» ter sido aclamado durante o «paseo», na tarde da sua apresentação, no México, tal a graça toureira com que o cigano atravessou o «ruedo». O acontecimento fêz-nos

saúdes do tempo ainda não muito distante em que o toureiro sentia orgulho em sê-lo, dentro e fora da praça. Infelizmente, hoje preferem parecer incaracterísticos actores de cinema. E depois não querem que a Festa decaia e lhe fuja público...

UMA SOCIEDADE ORIGINAL

Quando «Lagar-tijo» enviou, a família da mulher reclamou metade dos bens do famoso toureiro, que atingiam uma soma considerável. Jul-

gando-se ludibriado, Rafael Molina procurou o advogado D. Manoel Martínez, a quem expôs o facto, que, no seu entender, constituía uma violência. Como o advogado lhe dissesse que a reclamação era absolutamente legal, «Lagar-tijo», irritado, contestou:

— Dessa forma, D. Manoel, eu, na arena, e meu sogro no «tendido», temos toureado a meias!



António Correia e Júlio Glória, duas figuras de «afición» interesse na próxima temporada.

Ultimos
modelos
1945

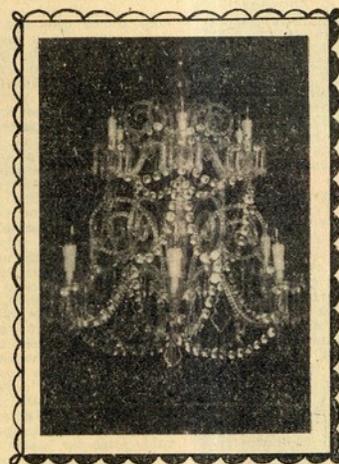


pampas

mella

RUA DA CONCEIÇÃO, 65 — APT 21004 — LISBOA

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.ª

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

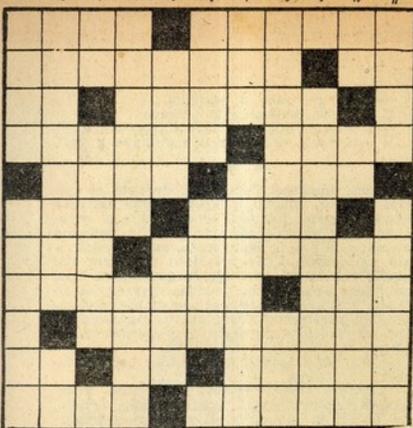
Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45	23	39,6	49,6	
às				
22,15				

Ouça o locutor JORGE ALVES às 19,30

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por
intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 18,45 às 19,00.

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA



PALAVRAS CRUZADAS

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 2

Por Filipe Alistão
Reys Teles Moniz
Côrte Real
(Angola)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS:

1 — Continente que tem como limites: ao norte, o Oceano Glacial Ártico. Ao Oriente, o Oceano Índico. Ao ocidente, o Mediterrâneo, o Mar Negro, o Mar Cáspio

e os Montes Urais; país que ocupa a parte oriental e central da América do Sul. 2 — Excluírem; nesse lugar. 3 — Exístes; estavamos. 4 — Timidos; valdoso (prov. alg.). 5 — Epocas notáveis; comilão (pl.). 6 — Gostes muito de; transfira o direito ou a posse de. 7 — Lanugem decertas plantas (pl.); antiga gradação militar entre cabo e sargento. 8 — Espécie de opala, que tem a qualidade do asterismo; espécie de bombardá antiga, na Índia portuguesa. 9 — Prenderia. 10 — Conjunção; nome de letra (pl.); combinar. 11 — Género de aves, a que pertence o picanço; refinara (o açúcar).

VERTICAIS: 1 — Espaço; que tem asas. 2 — Planos; interjeção, designativa de surpresa, admiração, repugnância ou dor. 3 — Nome de letra (pl.); coisa de pouca monta. 4 — Anuas; fêmea do cavalo. 5 — Artes; som imitativo da voz do corvo. 6 — Nome de homem; pender. 7 — Nenhuma coisa; renovar. 8 — Aliado; levante. 9 — Desuniria. 10 — Sufixo, designativo de estado, profissão, indústria, colectividade, etc.; pronome, que se pospõe aos verbos terminados em r, s ou z; expedir. 11 — Planta da família das algas; cobertura de óleo.

PROBLEMA N.º 1 (Concurso) Solução

HORIZONTAIS: 1 — Argel; Ebro. 2 — Raio; ates. 3 — Til; alei; sé. 4 — Eo; lrar; sal. 5 — Os; eira. 6 — Ente; orna. 7 — Ardo; má. 8 — Pre; caso; fé. 9 — Te; raro; rir. 10 — Rota; face. 11 — Leão; casca.

VERTICAIS: 1 — Artes; apto. 2 — Raio; erre. 3 — Gil; onde; re. 4 — Eo; isto; roa. 5 — Ar; cato. 6 — Alas; para. 7 — Eter; só. 8 — Bei; ermo; fá. 9 — Rs; sina; rás. 10 — Sara; fica. 11 — Gela; Peres.

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

Eis a lista dos prémios principais: 1.º — Um dicionário de Cândido de Figueiredo (edição reduzida), ou de Augusto Moreno (Complementar). 2.º — Uma assinatura, por 6 meses, de «Vida Mundial Ilustrada». 3.º — Um livro (romance), cujo título indicaremos no próximo número. 4.º — Uma assinatura, por 12 meses, do quinzenário «Vamos Decifrar».

ERRATA DO PROBLEMA N.º 58

No enunciado da 5.ª coluna vertical ha-se somente o 1.º sinónimo quando se devia mencionar mais 3 que eram os seguintes: *abreviatura de Antes de Cristo; em partes iguais; avançar*. Estas mesmas palavras figuravam na 6.ª vertical. Na 7.ª vertical estavam os sinónimos da 6.ª. Na 8.ª vertical indicavam-se as palavras que pertenciam à 7.ª. Na 9.ª vertical as palavras da 8.ª. Com a indicação de 10.ª vertical, que não existia, dava-se o sinónimo da 9.ª.

Foi deplorável, mas nenhuma culpa nos coube desse engano tipográfico.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lajora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

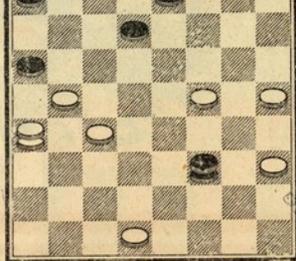
COMPOSIÇÃO N.º 31 (Final artístico)

«La Provincia», 11/1/1945

Las Palmas — Espanha

Lema: «Fafyas»

Pretas: 1 «dama» e 5 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 5 «pedras». Jogam as brancas e ganham.

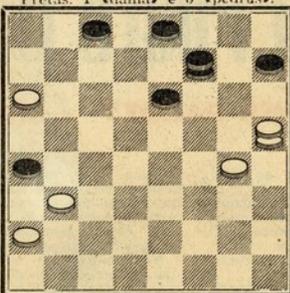
COMPOSIÇÃO N.º 32 (Final artístico)

«La Provincia», 11/1/1945

Las Palmas — Espanha

Lema: «Lusiada VIII»

Pretas: 1 «dama» e 5 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 4 «pedras». As brancas jogam e ganham.

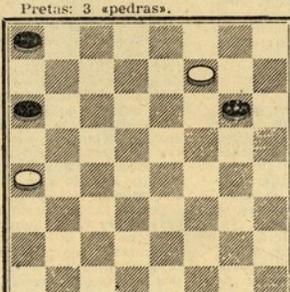
COMPOSIÇÃO N.º 34 (Final artístico)

«La Provincia», 18/1/1944

Las Palmas — Espanha

Lema: «Bon ami II»

Pretas: 3 «pedras».



Branças: 2 «pedras». As brancas jogam e ganham.

Nota — Por nos ter sido enviada errada a composição n.º 33, não a podemos publicar antes de recebermos de Espanha a sua verdadeira posição.

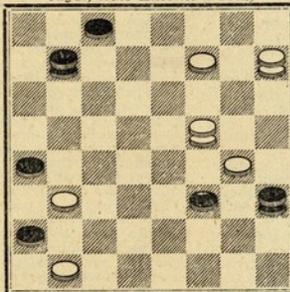
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 7

Por Domingos Carvalho Calzeiro

(Lisboa)

(Dedicado ao seu amigo e consagrado «damista» do Sporting Clube de Portugal, Luis António David)



Jogam as brancas e ganham.

«SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2

21-26 18-22 25-11 2-11

19-29 9-18 29-6 P. g.

SOLUÇÃO DO FINAL DE JOGO

N.º 14

1.ª hipótese

8-15 19-22 22-26* 15-11

21-18 27-23 23-20 18-13

26-29 29-19 19-8 11-24 3-19

13-10 20-15 24-20 10-5 P.

2.ª hipótese

8-15 19-22 22-26 15-6

21-18 27-23 18-13 13-9

6-10 26-20

23-20 P.

3.ª hipótese

8-15 19-22 22-26 15-6

21-18 27-23 18-14 23-20 ou 19

6-3 26-30 e 30-21

14-11 P.

(*) Se 22-27, para tentar ganhar como no final do mesmo autor, publicado nesta secção com o n.º 3 em 9 de Dezembro de 1943, as pretas jogam 18-13 (e não 23-20, que forma a posição 'daquelle final) e empatam.

REGULAMENTO DO CAMPEONATO NACIONAL DE «DAMAS», POR CORRESPONDÊNCIA, DE 1945

I

Este Torneio é aberto a todos os «damistas» residentes em Portugal continental.

II

Os «damistas» inscritos serão sorteados e divididos em séries com o máximo de quatro e o mínimo de três jogadores, iniciando-se assim a primeira eliminatória.

III

Os vencedores de cada série ou empatados em 1.º lugar passarão à segunda eliminatória e serão novamente divididos em séries, por sorteio, com o máximo de quatro e o mínimo de três concorrentes, e assim sucessivamente, até se apurar um único vencedor. No caso dos últimos vencedores ou empatados em 1.º lugar serem em número de cinco, far-se-á uma série final, com esse número de concorrentes.

IV

Cada um dos concorrentes disputará simultaneamente dois jogos, um com as brancas, outro com as pretas, com cada um dos componentes de cada série, por correspondência directa entre eles, jogos que serão controlados pelo director do Torneio.

Para efeito do controlo, o condutor das brancas de dez em dez lances enviará cópia da partida ao director do Torneio.

V

O vencedor de cada jogo ou o condutor das brancas em caso de empate enviará o jogo totalmente com indicação do resultado ao director do Torneio para serem atribuídos os respectivos pontos.

(Continua no próximo número)

OS NOSSOS AMIGOS

Capitão Evaristo António Borges (Porto).

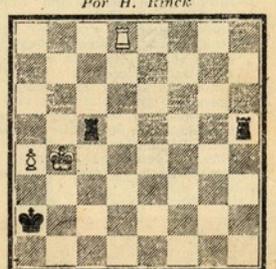


Oficial do exército dos mais distintos Técnico «damistas» de vastos conhecimentos e um dos nossos mais valiosos colaboradores. A homenagem que hoje lhe prestamos é justíssima, e vale tanto mais por ser expontânea da nossa parte.

XADREZ

ESTUDO N.º 12

Por H. Rinck



As brancas jogam e empatam.



PIVER! UM ASTRO QUE ILUMINA

O MUNDO FEMININO

Dizia a ilustre escritora francesa, Madame Girardin, que a Mulher possui duas espécies de beleza: a natural e a que ela sabe adquirir.

A suprema aplicação do artifício para, em harmonia, realçar os dons naturais, eis tudo.

Com efeito, é condição essencial, na arte de ser bela, possuir o sentimento do ritmo.

Equilibre a sua beleza natural com os produtos de beleza Piver e a sua beleza resplandecerá como nunca.

L.T. PIVER



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques Sá da Bandeira, 108, 3. LISBOA

O Elixir do Padre Gaucher

CONTO DE ALPHONSE DAUDET — ADAPT. DE J. M.

— **B**EBA, vizinho, que logo vê ao que sabe...
E, gota a gota, com o cuidado que um lapidário poria na contagem das suas pérolas, o cura de Graveson foi detendo coiza de dois dedos de licor verde, reluzente, esquisito... Quando o reconheci, logo senti o estômago reconfortado.

— É o elixir do Padre Gaucher, a alegria e o alívio desta Provença — acrescentou o homem com um ar triunfante. Fabrica-se no convento dos Premontrés, a dez léguas do seu moinho...

Não é verdade que vale por todos os «charreuses» do mundo? Ah, que se o senhor soubesse como é divertida a história deste elixir!...

Então, com a maior espontaneidade, sem sombra de malícia, o pároco começou uma historietta com o seu quê de céptica e irreverente, à maneira dos contos de Erasmo ou Assoucy.

* * *

Há-de haver uns vinte anos, os Cónegos Regrados, ou antes, os Padres Brancos, como lhes chamam os nossos provençais, encontravam-se em espantosa miséria. Pobres frades brancos! Parece que ainda os estou a ver, na procissão do Corpus Cristi, a desfilar tristemente, com as capas remendadas e desbotadas, alimentados a limões e melancias, e atrás deles o sr. abade de cabeça baixa, vexado do desgaste da fatiata e do báculo. As senhoras da confraria choramingavam a sua dor e os gorduchudos porta-estandartes riam por baixo, maliciosamente, apontando os pobres monges:

— Os estorninhos enfraquecem, quando andam juntos...

O certo é que os infelizes frades brancos tinham já começado a perguntar-se se não seria melhor: cada um ir para seu lado, procurar por esse mundo o seu sustento. E, um dia, que se encontravam retinidos em Capítulo, o padre Gaucher mandou perguntar ao padre abade se o recebia em audiência. Devo dizer para seu governo que o tal frade desempenhava funções de boieiro do mosteiro. Isto é, passava os dias pelo claustro, de arcada em arcada, levando à sua frente duas vacas magrízulas que mordiscavam a erva das fendas das lousas. Criado até aos doze anos por uma velha doída de Baux, a quem chamavam tia Bégon, e recolhido, mais tarde, pelos monges, o infeliz boieiro só aprendera a conduzir as vacas e a recitar o «Pater Noster» — este ainda dito em latim provençal, pois tinha a cabeça muito dura e o espírito fino como a lâmina de uma adaga de chumbo. Ferveroso cristão, isso era-o, embora tivesse qualquer coisa de visionário, muito de seu gosto o cilício e dado à disciplina com uma convicção robusta.

Quando o viram entrar na sala do Capítulo, simples e estúpido, saudando os presentes de perna recuada, o prior, os cónegos, o tesoureiro, toda a gente desatou a rir. Era o efeito que sempre produzia, ao chegar onde quer que fosse, aquela cara de pelos grisalhos, de barba de cabra e olhos com seu quê de doído. E esta foi a razão porque o nosso bom irmão Gaucher se não importou com a recepção.

— Meus reverendos — disse ele, num tom simpíório, torcendo entre os dedos o rosário feito de caroços de azeitona — bem se diz que são os tonéis vazios os que soam melhor... Imaginal que à força de escavar na minha pobre cabeça já de si escavada, acabei por encontrar a maneira de sairmos do mal em que nos encontramos! Aqui está como. Bem sabéis quem era a tia Bégon, a pobre mulher que olhava por mim, enquanto eu fui pequeno (Deus tenha a sua alma em eterno descanso, que bem feias cantigas cantava, quando bebia!) Quero, pois, dizer-vos meus reverendos, que a tia Bégon estava tão familiarizada com as ervas dos montes, como um velho meiro da Córsega. Pois bem: ela preparou, já nos fins da sua vida, um elixir incomparável, uma mistura de cinco ou seis qualidades de ervas que juntos fomos apanhar pelos Pequenos Alpes. Já lá vão muitos anos. Mas eu penso que, com a ajuda de Santo Agostinho e a licença do nosso padre-abade,

poderia voltar a encontrar a composição deste misterioso elixir. Só teríamos, depois, que metê-lo em garrafas e vendê-lo tanto quanto possível caro, para que a nossa Ordem fosse enriquecendo aos poucos, como fazem os nossos irmãos Trapenses e da Grande...

Não teve tempo de acabar. O prior saltou-lhe ao pescoço, os cónegos agarravam-lhe as mãos, todos lhe beijavam a orla da casula... Depois, cada um voltou ao seu assento, para deliberar e, naquele momento solene, o Capítulo decidiu que as vacas seriam entregues ao irmão Thrasylabe, para que o irmão Gaucher se pudesse dar de alma e coração à preparação do elixir.

* * *

Como conseguiu, o bom irmão, encontrar a receita da tia Bégon? A poder de quantos esforços? A poder de quantas noites sem dormir? A história não o diz. Só o que se sabe de certeza é que, seis meses depois, o elixir dos Padres Brancos tornara-se muito popular. Em todo o condado, em toda a região de Arles não havia casinhotas nem granja onde se não guardasse, no fundo da despensa, entre as garrafas de bom vinho e as jarras de azeitonas curtidas, um frasquinho de barro barato, lacrado com as armas da Provença e um monge estático na etiqueta prateada.

Graças à popularidade do elixir, a Ordem enriqueceu rapidamente. De novo se levantou a torre de S. Pascoal, o prior teve uma mitra nova, a igreja adornou-se de lindos vitrais e, no rendilhado campanário, uma família inteira de sinos e sinetas, souou alegremente pela Páscoa.

Quanto ao irmão Gaucher, esse pobre irmão leigo, cuja estupidez tanto divertia o Capítulo, nunca mais serviu de divertimento no convento. A partir de então, só existia o reverendo padre Gaucher, homem de talento e grande ciência, completamente isolado das suas ocupações, tão pequenas e múltiplas do claustro, passando o dia inteiro na sua destilaria, enquanto trinta monges andavam pelos montes, em busca das ervinhas bem cheirosas... Esta destilaria, onde ninguém, nem mesmo o prior, tinha o direito de entrar, era uma velha capela abandonada, mesmo ao fim do Jardim dos cónegos. A simplicidade dos bons padres tinha ali feito qualquer coisa de misterioso e formidável. E, se por espírito de aventura, algum fradito ousado e curioso, tivesse chegado até ao fião da porta, caíria logo assustado e do espectáculo do reverendo Gaucher, barba de bruxo, inclinado para os fornos, o pesa-línguas na mão e, para mais, circundado de retortas de argila cor-de-rosa, gigantescos alambiques, serpentina de cristal, tudo numa confusão bizarra que resplandecia enfeitada na luz vermelha dos vitrais...

Ao cair da tarde, quando soava a última badalada do Angelus, a porta deste lugar misterioso abria-se discretamente e o reverendo dirigia-se à igreja, para as orações da noite. Era de ver o modo como o tratavam no mosteiro, quando ele passava. Os frades balçavam a voz e diziam-se:

— Chut, ele sabe o segredo!...
E o padre dizia-se a si próprio:
— É a mim que eles devem tudo isto...
E esta idéia cada vez o orgulhava mais...

* * *

Agora, imagine! Certa vez, durante os officios divinos, chegou à igreja, numa agitação extraordinária. Corado, a arquejar, o capuchão atravessado e, tão trémulo que, metendo as mãos na pia de água benta, esta lhe desceu até aos cotovêlos. Ao princípio, julgaram que aquilo era emoção por ter chegado tarde mas, quando o viram fazer grandes reverências ao órgão em lugar de se inclinar diante do Santíssimo, praticando ainda outros inconvenientes, os frades começaram a perguntar baixinho:

— Que teria acontecido ao nosso padre Gaucher?

Por duas vezes, o prior, impaciente, bateu com o báculo sobre as lages, a impôr silêncio. Lá ao fundo, no côro, os psalmos continuavam... mas os respostas mal se encarreiravam...

De repente, no meio de um *Ave Verum*, eis que o meu padre Gaucher que se deixara ir no seu entusiasmo se pôs a entoar com voz estrepitosa:

*Catrapás, catrapás, catrapis...
Um padre branco em Paris,*

Consternação geral. Toda a gente se levanta. Alguém grita:

— Levem-no... Enlouqueceu!

Os cónegos persignam-se. O báculo do prior rola por terra... Mas o padre Gaucher não vê nada, não ouve nada. Dois monges vigorosos vêem-se obrigados a levá-lo pela pequena porta do côro, enquanto ele continua com a sua eterna cantilena do *catrapás, catrapis...*

* * *

No dia seguinte, ao romper do dia, estava o desgraçado de joelhos, lavado em lágrimas, diante do prior:

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.ª - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27